

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: LIMA E SILVA, LEITÃO DE CARVALHO e EURICO DUTRA

N.º 99

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1921

Anno IX

## Marechal Bento Ribeiro

Com o falecimento do Marechal Bento Ribeiro, que enlutou a sociedade brazileira, perdeu o Exercito um dos chefes mais prestigiosos pelas suas qualidades de carácter e de coração.

A sua morte inesperada para quantos lhe conheciam a resistencia phisica, realçada por uma jovialidade encantadora e impregnada de bondade, causou funda emoção e despertou um côro de sentidas lamentações, piedoso tributo de saudade e de gratidão.

E' que atravez de todos os altos cargos que o Governo confiou ao seu esclarecido patriotismo, o Marechal Bento Ribeiro soube sempre conservar o mesmo animo sereno, affavel e modesto e nunca perdeu as virtudes caracteristicas dos chefes militares da terra gaúcha — a camaradagem expressiva, cuja lháneza não exclua a superioridade e que ia directo aos corações, a franqueza rude temperada de bondade, a alegria sã e comunicativa avivada pelas tiradas de sabor campeiro (ingenuas fanfarronadas gaúchas) que elle usava com o discernimento com que os principes usam os trajes nacionaes pittorescos, e sobretudo

a fina perspicacia, solido bom senso que não se transvia nos momentos de crise, nem se deixa deslumbrar por europeis.

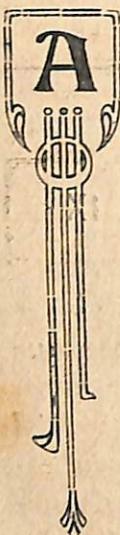
Mas o traço caracteristico do seu espirito era o arraigado sentimento da nacionalidade e a sua perfeita identificação com o Exercito, que era bem para elle uma grande familia a que consagrará todo o affecto de que era capaz o seu grande coração.

Investido nas funcções de Chefe do Estado Maior numa época em que um novo sôpro de vida e de trabalho agitava os elementos mais activos do Exercito, o Marechal Bento Ribeiro, cujo temperamento nunca se deixou enregelar pela neve do tempo, poz-se á frente dos moços que queriam trabalhar, ajudando-os com os seus conselhos, soffreando-lhes com a sua avisada prudencia os ardores irrequietos, facilitando-lhes a marcha das ideias, reunindo em torno de si uma pleiade de amigos dedicados e trabalhadores infatigaveis, a cuja collaboração o Exercito deve os mais assignalados serviços.

Com a sua morte sentio o Exercito mais uma vez o vacuo da falta de um chefe que saiba conduzil-o, levando-o pela attracção pessoal resultante da identidade de sentimentos e de ideias.

# PARTE EDITORIAL

Unidade de doutrina



instituição de uma doutrina de guerra, que oriente todas as decisões no campo de batalha e faça convergir as vontades individuaes para a obtenção do resultado commun visado pelo commando supremo, é, sem dúvida, uma resolução da maior relevância na organização de um exercito.

Conjunto de principios coordenados por uma penetrante analyse e funda meditação das operações militares através da historia, a doutrina de guerra se inspira na experiença e consubstancia tanto as directrizes para o emprego das massas na batalha, como os processos de applicação, sempre renovados pelo engenho humano, na ancia de perfeição; partindo dos principios immutaveis da guerra, ella desce ás modalidades variaveis do combate, sujeito á evolução do armamento, e penetra todos os degráos da hierarchia, modelando, com um poder incoercivel como o das forças naturaes, a mentalidade collectiva do Exercito.

Ella é a attracção molecular que dá cohesão ás pequenas unidades, e a gravitação que sujeita, á mesma orbita, a vontade suprema e a acção dos commandos subordinados.

Toda solução de continuidade em sua difusão através da hierarchia, é a falencia do systema, pela alteração do criterio á luz do qual são apreciados os acontecimentos e formuladas as decisões; é um élo da cadeia que se parte e enfraquece e desconjuncta toda a obra.

Ora, em nossa tarda evolução militar, trabalhada nos ultimos dez annos por iniciativas tão fecundas, — realizadas, porém, á custa de immensos esforços, sem

cohesão, nem auctoridade —, faltou sempre uma doutrina de guerra, com força imperativa, a que se filiassem os regulamentos das armas, e, por isso, elles se propagaram á feição das sympathicas pessoas de seus executantes. — Não admira, pois, que não tenhamos colhido os fructos do nosso proprio trabalho e não assimilasse o Exercito, por completo, os principios esparsos que adoptamos.

A nossa experiença nos demonstra assim, que sem um corpo de doutrina homogeneo, aceito, sem restricções, por todos os officiaes, e applicado sob a fiscalização e o exemplo dos chefes do Exercito, não conseguiremos, jámais attingir aquele estado de perfeita confiança em nossos proprios conhecimentos, que gera a calma na apreciação dos acontecimentos e dicta as soluções que as circumstanças requerem; faltar-nos-á a consciencia da nossa força, seremos sempre fracos.

Está, pois, na acceptação, sem reservas, da doutrina de guerra que resolvemos adoptar; no estudo incessante e na applicação frequente dos principios que a constituem, o unico meio de assegurarmos ao Exercito a efficiencia necessaria á defesa da honra e dos interesses nacionaes.

No trabalho de difusão dos conhecimentos compendiados nos novos regulamentos, empenham-se actualmente os dois centros de instrucção dirigidos pela Missão Militar Franceza, um formando commandantes praticos para as pequenas unidades, outro habilitando os officiaes superiores, e os que se destinam ao serviço de estado maior, no manejo das grandes unidades.

Embora de frequencia facultativa, aos cursos ministrados nesses dois estabelecimentos não têm faltado candidatos em numero sufficiente ao seu regular funcionamento; mas a nossa officialidade só poderá desempenhar suas funcções em campanha cingindo-se aos principios da nossa doutrina de guerra, quando toda

la houver estagiado nesses centros de perfeiçoamento, afim de se familiarizar com as dificuldades inherentes á solução dos casos concretos. Só a passagem por elles, — não facultativa, mas obrigatoriamente, — permitirá colhermos todo o rendimento que elles pódem dar, compensando os grandes sacrifícios que a nação faz por mantel-os.

Só quando nos entendermos todos sobre os principíos capitais a que obedecem as operações de guerra e todos falar-nos a mesma linguagem, é que o trabalho não se perderá em esforços divergentes, nem se despedaçará a corrente que deve unir a idéa á acção.

Mas, se a permanencia no seio do Exército de officiaes que se mantenham alheios ás transformações profundas por que estão passando o nosso armamento e as nossas idéias, constituiria um embaraço á evolução das instituições armadas do paiz, mais grave, ainda, seria manter afastados do novo espirito profissional da corporação aos seus próprios chefes, aos responsaveis pela execução dos regulamentos, os que nos guiarão a todos nas horas de difficeis provações.

Foi o que, com um alto espirito de patriotismo e uma comprehensão exacta de suas responsabilidades, levou certamente um grupo illustre dos nossos generaes, com funções nesta Capital, a receberem no Estado Maior do Exército os ensinamentos que formam a essencia dos novos regulamentos, sob a direcção proyectada dessa forte e preclara personalidade que é o Chefe da Missão Franceza.

Com essa feliz iniciativa, acabam de dar os respeitados chefes do Exercito um passo decisivo para a realização da nossa unidade de doutrina.

Aos nossos camaradas que tenham duvidas sobre a interpretação de quaequer pontos dos novos regulamentos e queiram communicational-as á «A Defeza Nacional», em carta reservada ou não, participamos que, sob a forma de commentarios aos textos regulamentares, divulgaremos os esclarecimentos prestados pelos Mestres.

## O ensino militar

A phase actual do ensino militar entre nós assinala bem uma nova era de progresso da instrucção propriamente technica e profissional.

Orientada quasi sempre, na sua longa evolução por um periodo de perto de um seculo, para a divulgação de conhecimentos geraes e scientificos, relegando para um plano secundario o estudo de assumptos puramente militares, ou com estes relacionados, a instituição do ensino no exercito, embora caracterizada por frequentes reformas, não produziu até hoje os fructos que da sua larga existencia se deveria esperar.

Se os planos de ensino já por si eram incompletos e assaz vacillantes de uma remodelação para outra, a sua execução, principalmente, sempre imperfeita, ainda mais concorria para a estagnação, o retrocesso mesmo, ás vezes, da instrucção propriamente profissional.

Pela remodelação de 1905 passaram as aulas militares a ocupar um logar prominente nos *textos* dos regulamentos das escolas que então se crearam; e nas reformas seguintes orientou-se o Estado Maior por esse mesmo caminho de enriquecer os planos de ensino e os programas dos institutos com uma variedade de assumptos militares, todos transplantados mais ou menos textualmente dos congêneres dos melhores exercitos, na esperança de proporcionar aos officiaes, desde os primeiros postos, uma somma avultada de conhecimentos technicos. Nem assim, porém, os resultados satisfizeram de todo ao objectivo almejado.

Evidentemente, as causas de insucesso das frequentes reformas de ensino são multiplas e complexas, mas do conjunto d'ellas, no tocante á execução dos programas, forçoso é confessal-o, destacam-se as oriundas do proprio magisterio. Porque, se no dominio das sciencias, notadamente no ramo da mathematica pura, sempre possuimos professores que se notabilisaram pelo tirocinio e trabalhos de reconhecido valor, formando outros tantos discípulos capazes de continuarem a sua obra, o mesmo, infelizmente, não se pôde dizer da maioria d'aquelles que têm tido o encargo de iniciar os jovens militares no estudo das differentes

partes da arte da guerra, e adestral-os nas funcções que terão de desempenhar.

A Missão Militar Franceza, fundando e dirigindo as escolas de Estado Maior, Superior de Intendencia e Administração e de Aperfeiçoamento, a par dos recentes ensinamentos da ultima guerra, que vem transmittindo aos officiaes de todos os postos nelloas matriculados, e da formação de uma unidade de doutrina em nosso meio, tem ainda, neste particular do ensino militar, corrigido de algum modo, no limite das suas attribuições, certos erros do passado, imprimindo á instrucção esse carácter profissional de que por tanto tempo andámos divorciados.

Mas, para que a obra dos Mestres Francezes resulte proveitosa ao exercito de amanhã, como ao de hoje, é necessário que tenha uma continuação moldada nos seus métodos de trabalho, nas suas lições, d'onde a exigencia de uma rigorosa selecção no recrutamento dos futuros docentes militares. As nomeações vitalicias e a isenção do concurso para as cadeiras militares são processo que não mais se coadunam com as necessidades actuaes do ensino, e só os interesses pessoas têm feito com que elles continuem ainda a predominar no magisterio. Com a reforma de 1905, — para só nos reportarmos a este exemplo relativamente antigo, — foram guindados ás aulas de estratégia, tática, balística e outras essencialmente militares, antigos professores de geometria, desenho ou geographia das escolas preparatorias então extintas, por serem vitalicios que precisavam ser aproveitados.

Ao lado dessa delicada questão do recrutamento dos docentes militares, estão por sua vez exigindo solução immediata a criação de novas escolas, como a technique de artilharia e engenharia, a de cavallaria e o restabelecimento de uma prática ou de applicação.

A primeira, cuja utilidade por mais de uma vez temos encarecido, e que fazia parte do vasto programma de remodelação do ensino, elaborado e iniciado pelo Sr. General Cardoso de Aguiar, não pôde ser adiada por mais tempo, sob pena de acarretar graves embaraços ao proprio funcionamento das fabricas e arsenaes e retardar o desenvolvimento de nossa incipiente industria militar.

A de cavallaria, justifica-se, além do mais, como indispensável á systematisa-

ção, á unificação das diversas escolas equitação que nos ultimos tempos provocado, impropositivamente, uma rivalidade entre os adeptos de cada d'ellas.

A experiecia dos tres ultimos annos em que a instrucção pratica tem sido ftemente impulsionada na Escola Militar veio evidenciar a necessidade da separação dos cursos essencialmente praticos dos estudos theoricos; fundidos em mesmo estabelecimento, como actualmente na escola do Realengo, ambos prejudicam.

O funcionamento desses novos estabelecimentos de ensino conduzirá naturalmente ao accrescimo da verba *Instituição Militar* do orçamento da guerra; quando se obstina em conservar como parte integrante do exercito quatro Collegios Militares, que de muito sobreparam esse orçamento, objecção alguma, ordem financeira, poderá ser opposta à criação de mais duas ou tres escolas, das quaes só advirão vantagens immediatas e compensadoras.

## Notas sobre Historia Militar do Brasil

(Continuação).

### Revolução pernambucana

Desde os tempos da Inconfidencia Mineira já as idéas de liberdade se haviam radicado na élite das populações brasileiras, o portuguez parecendo não comprehender que uma nova directriz se impunha na administração do Brasil, afim de retardar, como lhe convinha, a perda de sua riquissima colónia.

Aqui e alli, periodicamente os animos se exaltavam e tudo demonstrava que apenas se aguardava um pretexto qualquer para a rebelião, principalmente em Pernambuco, onde pareciam mais tensas as relações entre portuguezes e brasileiros.

O pretexto appareceu com a conducta do governo de Pernambuco por occasião do espatamento de um portuguez por um soldado do Regimento dos Henriques (regimento de negros), pois que foram por essa occasião ordenadas certas providencias que sobremodo irritaram o patriotismo dos pernambucanos.

Aproveitando-se dessa circunstancia, o negociante bahiano Domingos José Martins, que havia regressado da Europa cheio de entusiasmo pelas idéias liberaes, procurou difundil-as mais ainda pelo povo e pela tropa.

Já havia mesmo em Pernambuco algumas sociedades secretas que conspiravam contra o governo e procuravam alliciar os necessarios elementos para uma acção mais positiva.

O capitão-general de Pernambuco, desembargador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, posteriormente marquez da Praia Grande, ve-

ificando a animosidade crescente entre os officiaes brasileiros e portuguezes da guarnição, o que tornava a situação política ainda mais medrosa, ao emvez de agir com a devida pericia para evitar a desordem, concorreu para aumental-a, baixando uma ordem do dia em que lembrava ás tropas o cumprimento de seus deveres, ordem do dia cujos termos eram principalmente offensivos aos brios dos officiaes brasileiros. Isso deu causa a que elles, reunidos na residencia de Domingos Martins e apoiados por varios civis patriotas, decidissem um movimento de propaganda revolucionaria mais intenso.

Sciente dessas occorrencias o capitão-general, depois de conferenciar com os generaes portuguezes da guarnição de Recife, resolveu mandar prender os conspiradores, conseguindo capturar o ajudante de infantaria Manoel de Souza Teixeira, o negociante Domingos Martins e outros.

Entretanto, não foi feliz o brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro quando procurava prender tres capitães e o secretario do seu regimento de artilharia.

Exorbitando de suas prerrogativas, o brigadeiro Castro, depois de reunir a sua officialidade, insultou os capitães Domingos Theotonio e José de Barros Lima (cognominado *Leão Corrêdo*), dando-lhes ordem de prisão.

Barros Lima, repelindo a injuria, desembainhou a espada e matou o brigadeiro, sendo o seu acto apoiado pelos demais officiaes e soldados brasileiros.

Declarada assim a revolta, foi ainda morto por um tiro o tenente-coronel Alexandre Thomaz, ajudante de ordens do capitão-general, quando procurava reunir a tropa e prender os criminosos por ordem delle.

Depois disso, o povo, confraternisando com a tropa, correu ás prisões, soltando os presos e empolgando desde logo a situação.

O governador Montenegro, considerando-se impotente para subjugar a revolta, encerrou-se no forte do Brum, ahi capitulando e retirandose para o Rio de Janeiro a 7 de Março de 1817, onde foi preso e encerrado incomunicavel na ilha das Cobras.

Os revolucionarios, não obstante a revolução ter estalado antes de haverem assentado um programma politico e administrativo completo, trataram logo de estabelecer um governo provisorio, composto de 5 membros, que foram o padre João Ribeiro Pessôa, como chefe, Domingos Theotonio Jorge, Dr. José Luiz de Mendonça, Manoel José Corrêa de Araujo e Domingos José Martins.

Para auxiliar esse governo, foi formado um conselho tambem de 5 membros, sendo para elle designados Gervasio Pires Ferreira, Antonio de Moraes e Silva, Antonio Carlos de Andrade Machado e Silva, deão Bernardo Luiz Ferreira e o portuguez Manoel José Pereira Caldas, sendo ainda nomeado ministro do interior o padre Miguel Joaquim de Almeida, vulgo *padre Miguelinho*, e adoptada a fórmula de governo republicana.

Foi publicado a 10 de Março um manifesto, intitulado *Preciso* (com a significação de *resumo*), em que se resumiam as causas e os effeitos da revolução.

Triumphador assim o movimento, a Parahyba, o Rio Grande do Norte e Alagôas a elle adhe-

riram logo, e o governo provisorio despachou emissarios para as demais províncias, afim de obter a adhesão dellas, e para os Estados Unidos e Inglaterra, onde iriam pleitear o reconhecimento da nova situação politica de Pernambuco.

Entretanto, nem todos os emissarios foram bem sucedidos, e assim foi que o padre Martiniano José de Alencar, enviado ao Ceará, foi preso no Crato, e o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, vulgo *padre Roma*, foi preso na Bahia, sendo fuzilado no campo da Polvora a 17 de Março de 1817.

O conde de Arcos, capitão-general da Bahia, logo que teve noticia da revolução, fez seguir para Pernambuco um contingente comandado pelo marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda, tendo por objectivo atacar os revolucionarios, e enviou tambem uma esquadilha para bloquear Recife.

Em quanto taes providencias eram dadas pelo governo da Bahia, partiam tambem do Rio de Janeiro tropas commandadas pelo vice-almirante Rodrigo José Ferreira Lôbo, o que iria collocar os revolucionarios em situação ainda mais desesperadora.

De facto, sem recursos sufficientes para uma efficaz resistencia, os revolucionarios perderam logo a Parahyba e o Rio Grande do Norte, tão depressa alli chegaram as tropas legaes. Domingos Martins, quando procurava reunir-se ao capitão-mór Francisco de Paula Cavalcante, foi surprehendido por uma companhia dos *Pardos de Penedo* e dos *Indios de Atalaya*, sendo ferido e preso, enquanto que o proprio capitão-mór Cavalcante era derrotado pelo marechal Cogominho, a 14 de Maio, no engenho *Trapiche do Ipojuca*.

Assim derrotados, os revolucionarios pediram para capitular, o que lhes foi recusado, dando motivo a que, como recurso extremo, arvorasse sem Domingos Theotonio como dictador.

De nada, porém, valera isso. Domingos Theotonio comprehendendo a impossibilidade de uma reacção proveitosa, abandonou Recife a 20 de Maio, acompanhado de 2.000 de seus auxiliares, enquanto o vice-almirante Rodrigo Lôbo desembarcava na cidade, ocupando-a com suas tropas.

Pouco depois, a 29 de Junho, chegava a Recife o novo capitão-general de Pernambuco, Luiz do Rego Barreto, que proseguio no processo contra os revolucionarios iniciado na Bahia.

Domingos Theotonio Jorge, José de Barros Lima, Antônio José Henriques e o padre Pedro de Souza Tenorio foram enforcados, bem como varios revoltosos da Parahyba, após a sentença das commissões militares incumbidas do processo.

Anteriormente, já haviam sido fuzilados na Bahia os revolucionarios Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça e o padre Miguel Joaquim de Almeida.

O padre João Ribeiro suicidára-se antes do processo no engenho Paulista, perto de Olinda, onde haviam acampado os revolucionarios, preferindo isso a abandonar os soldados para fugir, como fizeram outros chefes.

Aborrecido com a severidade das sentenças lavradas pelas commissões militares, D. João VI mandou substituir-as por uma *Alçada*, presidiada pelo desembargador Bernardo Teixeira Cou-

tinho, mas tais foram as barbaridades praticadas por esse tribunal civil que o próprio capitão-general, apesar de muito severo, se revoltou contra elas e D. João VI resolveu decretar ampla amnistia aos revolucionários a 6 de Fevereiro de 1818, dia de sua coroação, pondo assim um paradeiro a tanta maldade.

### Considerações

Sob o ponto de vista militar, como vimos, a revolução pernambucana nenhuma importância apresenta, pois que nenhuma operação propriamente de guerra teve lugar.

Como revolução que foi, teve a sua base na desordem, iniciando-se por actos criminosos condenáveis e terminando por vinganças ainda mais censuráveis.

Sob o ponto de vista político-social, entretanto, a revolução é digna de atenção, pois que, de um lado, demonstrou a rapidez com que as idéias liberais se propagaram na grande colónia portuguesa, estimulando o nativismo para uma reacção justa contra a opressão extrangeira inabilitosamente exercida, e por outro demonstrou que os destinos de um povo, mesmo quando em formação, não se pode modificar pelo imperialismo dos governantes mais ou menos ousados.

(Continua).

Capitão Nito Val

## "Defesa das costas do Brasil sob o ponto de vista estratégico"

*Memoria apresentada á Escola Naval de Guerra pelo Capt. de Mar e Guerra Arthur Thompson — 1918*

(Continuação)

### A OPERAÇÃO DOS DARDANELLOS

Os Dardanellos são a única defesa de Constantinopla do lado do Mediterrâneo e como tal de uma importância estratégica de enorme valor.

O estreito antigamente chamado o Hellespont, pelos turcos Ak-Deniz-Boghazy ou estreito do mar Branco tem 70 kms. de comprimento. A sua largura média é de 5 ou 6 kms.; mas é dividido em 4 secções por três estreitos, dos quais dois correspondem a mudanças de direcção do estreito propriamente dito.

A W é limitado pela península de Gallipoli, muito montanhosa, com 80 kms. de comprimento e constituindo uma posição militar de primeira ordem. As costas da península na parte do mar Egéu que se denomina Golfo de Saros (Xeros), são escarpadas e mais ou menos inabordaveis para um desembarque de forças. Para evitar uma invasão pelo norte de Gallipoli é, desde a guerra da Criméa, fechada a parte mais estreita dessa terra por meio de fortificações. É o que são chamadas as linhas de Boulaire, estabelecidas entre Boulaire e Gallipoli, sobre uma orla de elevações, formando uma barreira natural.

Os principais fortes são: forte Sultanie, forte Napoleão, reduto Victoria, os quais foram construídos durante a guerra da Criméa; são ligados por um entrancheamento contínuo que vai até o mar. Assim flanqueado do lado da Euro-

pa o Estreito o é muito menos na margem Asia, onde nessa parte as costas são baixas. E' ahí o ponto fraco da defesa e cujos podem ser tomados de flanco. A região está guardada por numerosas tropas.

A entrada do Estreito, do lado do Mediterrâneo tem 5 1/2 kms. entre o cabo Heller e o cabo Tenisher. Outr'ora só era defendida pelas fortalezas de Sedd-ul-Bahr na costa europeia Koum-Kalé na costa asiática.

A primeira construída por Mahomet II, 25 anos depois da tomada de Constantinopla, denominada pelos occidentais de Castello Europa. Foi completamente reformada em 1659, bateria baixa e se lhe acrescentou a bateria de Ertoghroul. Continha 63 canhões dos quais 12 Paixhans de 22 c/m. Ertoghroul teria Krupp de 21, 26 e 28 c/m com 2 Krupp de 24 c/m em uma bateria baixa. Em frente o velho castello de Koum-Kalé construído em 1659, minado desde 1886 por um trabalho moderno possuía em 1912, 64 peças sendo 10 Paixhans.

Era secundado pela bateria alta de Orhaniye que possuía já 10 canhões de 15 c/m Krupp antteriormente a 1909 ou 1910.

D'ahi parte a 1.ª secção do Estreito com 25 kms. de comprimento; em seguida depois de um retrahimento de 2.500 mts. formado à direita por uma península chata e baixos, parte uma 2.ª secção de mais ou menos 5 kms. Esta só tem canhões na margem europeia, a unica elevada. Os fortes formam uma dupla ordem as baterias baixas em Medjidié (4 Krupp), Hamidié e Namazié (24 Krupp de 21 a 35 c/m) as baterias altas de Yildis, Pallas-Tibia e Bab-Tibia.

Namazié está ao S do velho Castello de Kalid-i-Bahr construído em 1659 por Mahomet II contra os venecios.

Formava com o de Koum-Kalé, o que era de denominado os «novos Dardanellos» em oposição a Sedd-ul-Bahr e Tchanak-Kalé, castello da Europa e castello da Asia, obra de Mahomet II denominada os «velhos Dardanellos».

Tchanak-Kalé (20 peças, uma de 35 c/m Krupp) com o nome tambem de Kalé-Sultanie constitue a cidade de Dardanellos, onde começa a 3.ª secção do Estreito, obliquando para o Norte.

Ahi se encontram as principais defesas da passagem.

E' a parte mais estreita, tendo 1.350 m. entre os dois castellos e 1.950 no fim da secção em Nagara.

A margem asiatica apresenta a principio uma segunda bateria de nome de Hamidié, que encontra a parte estreita já percorrida em frente a Namazié, Hamidié e Medjidié da Europa.

Ahi foram installadas 9 peças Krupp. Em seguida sobre o leito do passo intermediario, Tchemerlik, defronte exactamente do forte Namazié, ao lado da cidade de Dardanellos, na margem e ao pé do antigo castello. Em seguida Medjidié da Asia (16 Krupp de 15 a 28 c/m). Estas tres são obras modernas.

A linha da costa sobe de S para o N durante 55 km.

Antes de Nagara, encontra-se ainda o velho forte de Keusse-Kalessé, mesmo na margem (16 Paixhans). A costa ahi é, porém, elevada. A defesa é completada á direita pelo velho forte de pedra de Nagara dispondo de 37 Paixhans,

8 peças modernas de Krupp e reforçada por uma construção moderna. (11 Krupp de 22, 24 e 28 c/m).

E flanqueado, de um lado e de outro, pelas baterias altas do Mal-Tépé e de Abydos.

Consideremos agora a margem europeia proximamente parelha á outra, no ponto em que ficamos com respeito á Helid-i-Bahr onde existem baterias razantes comprehendendo as de Krupp.

Indo para o N secedem-se as baterias altas de Deginmen-Bourounou (8 Krupp de 26 c/m), Tcham-Bourounou (8 Paixhans e 4 Krupp), Kiamleh, com a altura de 120 m. acima do Estreito; Kelia-Tépé (4 Krupp) e por fim as duas baterias de 4 Krupp do forte de Boghali.

As mais recentes destas obras são anteriores a 1894; mas sob a direcção de officiaes allemaes desde 1913 que trabalham nesse sentido.

Pode ser avaliado de 700 a 800 o numero de bocas de fogo do Estreito de Dardanellos afóra as barragens constituídas por baterias de torpedos automaticos e pelas minas semeadas ao longo do percurso, além de submarinos e aviões.

Temeraria foi pois a empresa. Dominou a sua execução o pensamento estratégico.

Foi avisada a tomada de Constantinopla, a abertura do Mediterraneo aos russos.

Já em 1867 o Almirante inglêz Dochworth forçava com os navios sob seu commando o Estreito de Dardanellos e taes foram as avarias recebidas pelos navios que o General Jo mini julgou que «se os Dardanellos estivessem guarnecidos por artilheiros mais exercitados esta expedição teria custado caro á Inglaterra».

De todos os sete pontos do programma delineado para a expedição dos Dardanellos na Grande Guerra sómente tres puderam ser cumpridos: a destruição dos 4 fortes da entrada do Estreito (Ertoghroul, Sedd-ul-Bahr, Koum-Kalé, Orhanieh), da redução ao silencio de outros fortes interiores até o Tchanak e a dragagem de minas até um certo ponto.

A frota aliada compunha-se além de navios de diferentes misteres de 18 grandes couraçados dos quaes 14 ingleses e 4 franceses. O ataque aos 4 grandes fortes do mar teve lugar de 19 a 25 de Fevereiro de 1915, dois meses antes do desembarque do Corpo Expedicionario; a essa destruição seguiu-se de 25 de Fevereiro a 18 de Março a operação de suprimir o campo de minas fixas que defendia a entrada do Estreito. Mas estas não constituiam senão operações preliminares. O objectivo principal seria o forçamento dos passos. Mas a frota não passou em 18 de Março porque lhe foi materialmente impossivel. O vigoroso ataque naval de 18 de Março foi de resultado negativo: houve 3 couraçados e varios torpedeiros a pique e 4 couraçados e varios torpedeiros fortemente avariados.

Sómente depois deste insucesso é que se comprehendeu que só podem ter exito nesse genero de guerra as operações combinadas. A frota, só, não podia forçar as passagens sem que os obstaculos de terra fossem sendo removidos. Basta-lhe os obices e precalços que a cada avanço a iam maltratando.

Os prejuizos soffridos pelos fortes não compensaram os sacrificios da expedição.

## ENSINAMENTOS, OPERAÇÕES CONTRA AS FORTIFICAÇÕES

### II

Com o folhear da Historia, que acabamos de fazer, se constata que o desembarque n'um littoral inimigo exige um emprego de forças mais ou menos consideraveis.

Elle se effectua, afinal de contas, todas as vezes que ha a firme resolução de o fazer.

E facto tambem verificado que, quando ha um dirigente firme e energico e gente patriotica na defesa, nenhuma operação de desembarque leva a termo o seu objectivo com pleno sucesso.

Estamos nos referindo a desembarque ao longo das costas.

Um inimigo que tenta effectuar um desembarque visa naturalmente um centro de actividade. Se esse centro é mais ou menos fortificado, o desembarque á viva força, mesmo auxiliado pelos canhões da esquadra é operação muito difícil. O desembarque á viva força effectuado em Nietheroy, na nossa guerra civil de 1893-5, e que terminou com o combate da Armação mostra quão verdadeira é nossa asserção.

Para depôr em terra fracções de tropa de linha é preciso um logar desprovido de todo meio de defesa, o que é tanto mais facil quanto mais longe é o ponto que constitue o objectivo. Todo o tempo que o atacante perde com a approximação, é aproveitado pelo atacado para organizar a resistencia.

Se as forças atacantes, uma vez concentradas, penetram no interior do paiz, elles vão encontrando forças inimigas que lhe oppõem embargos á ligereza e cada dia que se passa, mais a afasta do seu ponto de partida, isto é, do mar, e a sua situação se tornará cada vez mais critica para o reembarque, no caso de insucesso; podendo sua linha de retirada ser habilmente cortada. Com as estradas de ferro estratégicas em pouco tempo haverá os reforços desejados.

E sempre difficult um desembarque á viva força.

Os navios, si se trata de um «golpe de mão», não dispondo do numero sufficiente de embarcações para lançar á praia ou á costa, simultaneamente, toda a força expedicionaria, observarão que a fracção que parte em primeiro logar é atingida pelo fogo do inimigo antes mesmo de pôr o pé em terra; desde que ella desembarca é preciso se concentrar e dispô-la para o assalto ou para o combate. Succede ao primeiro momento, em que «o assaltante leva sempre vantagem ao assaltado», o segundo, no qual, este ultimo faz o exame da situação para depois calmamente decidir.

Na phase que se segue cada instante de tempo vae sendo desfavoravel ao primeiro em favor do segundo; sómente uma enorme superioridade supriria a vantagem sempre crescente do assaltado.

Um assalto em terra firme é sempre uma operação muito perigosa quando não é preparado por um sitio regular que reduza uma parte das defesas avanzadas e permita a approximação das columnas de ataque, ao abrigo, antes do ataque definitivo.

Dão resultado os golpes de mão quando os objectivos são momentaneos, por surpresa e em lugares afastados de defesa, despresada sendo a vigilância ou burlada se a houver; mas só são levados á cabo quando imprescindíveis ou em desespero de causa.

O inimigo, si se resolve a emprehender o sitio de uma praça, procurará em primeiro lugar cortar suas comunicações com o resto do territorio e investir-a; a retirada por mar deve ser guardada pela marinha que procurará distrahir o inimigo bombardeando-o pelo lado do mar.

A guerra da Criméa demonstrou a superioridade dos fortés de alvenaria, bem construídos, relativamente aos navios.

Sebastopol resistiu de maneira convincente á artilharia de bordo.

A guerra civil americana, ao contrario da guerra da Criméa, deu superioridade de resistência aos navios, em relação áquellas obras. Nô curso de suas operações ficou constatado o facto, que motivou as seguintes conclusões:

1.<sup>a</sup> As obras de alvenaria dessa época foram incapazes de resistir aos canhões dos navios (exemplos: forte Sumter em Charleston, forte Morgan em Mobile, fortés Philippe e Jackson na entrada do Mississippi);

2.<sup>a</sup> As obras construídas em terrapleno ofereciam uma protecção mais eficaz contra a artilharia de bordo do que as primeiras (exemplo: obras da ilha n.º 10 e de Vickeburg no Mississipe, forte Wagner em Charleston, forte Fisher em Wilmington, forte Powell proximo de Mobile);

3.<sup>a</sup> Os canhões em barbeta, mesmo protegidos por travézes podiam ser reduzidos a silêncio pelos fogos concentrados dos navios.

E' preciso notar porém que as baterias toinadas silenciosas foram as baterias baixas.

Foi essa guerra dos Estados Unidos que mostrou ser indeclinável a necessidade de proteger as obras, especialmente nas baterias baixas.

No ataque ás baterias de costa por esquadras couraçadas pairaram, em consequencia, duvidas a respeito das vantagens que cada contendor levaria.

A guerra hispano-americana a isso respondeu com o annuncio de uma quasi invulnerabilidade das baterias altas de costas — exemplo: as de Matanzas, Cabanas e San Juan, que resistiram bem.

Durante o bloqueio de Santiago de Cuba pela esquadra americana foram feitas varias tentativas por parte della para destruir um forte situado á entrada da embocadura que conduz á bahia inferior. O resultado não foi satisfactorio. Isso foi confirmado pela esquadra japoneza no cerco de Porto Arthur.

Em verdade, deve ser dito que na guerra russo-japoneza não houve, por parte dos japoneses, a idéa amadurecida de um ataque sério contra os fortés russos de Porto Arthur e de Vladivostock. O Almirante Togo seguiu a corrente de idéas de que — os navios são incapazes de, com a sua artilharia, destruir as baterias elevadas de costa, ao passo que estas se acham nas condições as mais favoraveis para agir contra os navios.

(Continúa)

## A accção do bacharelismo

Não somos infensos aos bacharelos. Força e Direito são duas instituições que na organisação social se completam, caninhando logica e praticamente os seus representantes a una aliança, antes, do que a campos adversos.

Do mesmo modo, porém, por que combatímos o militarismo, principalmente se o praticasse o Exercito, desviado de sua verdadeira missão, não nos conformamos com este actual regimen de bacharelismo, que, cada vez mais nos asfixia, á proporção que avassala todos os domínios do poder público.

Se apreciaveis progressos temos feito ascendendo do puro domínio do arbitrio ao regimén da lei, seja, á nitida compreensão dos direitos e deveres de cada qual, parece-nos, todavia, que temos architectado mal a organização correspondente, exagerando o papel dos magistrados com prerrogativas anti-republicanas e privilégios odiosos.

Já dizia Condorcet nos meados do século XVIII, que a força e a ascendência dos jurisconsultos eram tanto maiores quanto mais incerta e bizarra a legislação.

Que necessidade, pois, havia de se outorgarem regalias ainda maiores aos magistrados, se, entre nós, o *methodo confuso* é toda uma hermeneutica...?

Por isso mesmo que fizemos bonzos intangiveis a simples mortaes oriundos da massa coimínus de onde provém também o vulgar plebeu, não conseguimos assegurar o domínio da Justiça, mas, tão sómente, a ascendência de uma casta!

Exemplo bem característico desse enlevo de supremacia é o que a respeito nos fornecem os ministros do mais alto Tribunal, ao ser lançado, não ha muito, o imposto sobre vencimentos.

Regista a Historia, que, nesse momento de angustias, em que a Nação não dispunha o concurso nem mesmo do mais desprovido funcionário, se isolaram aquelles ministros dentro de suas imunidades recusando-se em absoluto ao sacrifício imposto, porque... a lei não os podia atingir!

Perdoem-nos os altos expoentes da Nação, se aos seus olhos nos revelamos atraídos e talvez mesmo irreverentes, má grado as grandes conquistas liberaes que já nos elevam no consenso geral.

Membros de uma classe que foi factor decisivo na implantação da democracia, lamentamos que, abrindo mão das nossas prerrogativas, tenhamos sido trahidos, e que, hospedes, hoje, dentro da propria corporação nem mais liberdade nos assista de bem cumprirmos o dever!

Em dois aspectos principaes tem-se manifestado actualmente a acção do bacharelismo sobre o Exercito: um, na abusiva concessão de *habeas corpus* a sorteados, o outro, na recente organisação judiciaria.

Do primeiro, que aliás, já mereceu nesta Revista as observações de um colaborador (\*), accentua-se cada vez mais a feição francamente mercantil e a applicação insensata.

Todo o mundo percebe, de facto, a grosseria dos embustes de que lançam mão não poucos sorteados para se eximirem ao serviço militar. Démais, não se comprehenderia qualquer hesitação na attitude a assumir pelos magistrados, quando em jogo, de um lado, os interesses da nossa defesa, de outro, o direito mais do que discutivel de um vulgar relapso.

Em nossa terra, porém, a mentalidade dominante manifesta-se com tal vehemencia que, ha dias, uma verdadeira celeuma se produziu ao constar a um membro da alta Corte que um desses refractarios deixára de ser posto em liberdade, a despeito de amparado por *habeas-corpus*.

N'um transporte de olympica indignação contra o inconcebivel attentado, não trepidou o magistrado em questão de acusar o Ministro da Guerra mesmo, como auctor da coacção.

Felizmente, para o prestigio do Judiciario, pôde este em curto tempo verificar que não cogitara o Executivo do pretendido desacato. Da propria sentença emanará o embaraço, pois que a omissoa da unidade a que pertencia o sorteado obrigará a autoridade militar a um pequeno *quebra-cabeça*, para encontralhe a pista.

Facto, porém, da maior gravidade está ocorrendo, ao que se diz, no Rio Grande do Sul, em cujos corpos grandes devastações estão produzindo os *habeas-corpus*.

Segundo informações daquella procedencia, só de uma pequena unidade da

guardião da fronteira deveriam ser excluidos cerca de oitenta sorteados!

Não se pode entretanto admittir que estivessem taes individuos soffrendo constrangimento illegal. Os precedentes autorisam, antes, a affirmar que se trata, no caso, de um vil syndicato formado, como em outros pontos, para explorar a industria dos *habeas-corpus*.

E', porém, do bacharelismo não se erguer acima das provas dos autos, levem estas a um absurdo ou a um attentado á collectividade.

A lei, afinal uma ficção, passa assim de objecto a constituir um objectivo. Por isso, o Judiciario — apparelhagem complicada e onerosa — mais proprio se tornou para dar ganhos de causa do que, verdadeiramente, para fazer justiça.

Tanto quanto os *habeas-corpus* em sua criminosa applicação, constitue a recente organisação judiciaria um motivo de profundo desgosto entre os officiaes do Exercito. Não será mesmo de estranhar que esses murmurios de discontentamento, agora á puridade formulados, se venham accentuar mais tarde, á proporção que se multiplicarem os incidentes que o Código em acção já tem determinado.

Não se comprehende, no momento em que os regulamentos militares approximam o soldado do official e a estes encaram os legisladores como meros funcionários publicos, que se implante dentro do proprio Exercito uma verdadeira casta cujos membros — simples orgãos de um serviço auxiliar, — passem a constituir a unica razão de existencia da instituição armada!

Sem barreira que os detivesse, eis o Exercito invadido hoje por uma caudal de bachareis — auditores, promotores, advogados, escrivães que, como em um paiz conquistado, não devem obediencia ás suas autoridades e desfructam sobre estas uma situação privilegiada.

Não resolvemos, no entanto, o problema de nossa organisação judiciaria.

Distribuindo aos officiaes um papel secundarissimo nos conselhos de justiça e assaz desegual em relação aos membros togados, o novo Código ainda tem a infelicidade de perturbar a bôa marcha da instrucção e de desorganizar serviços, immobilisando por longo tempo um numero não pequeno de officiaes da tropa ou das varias commissões militares.

(\*) Habeas Corpus — A Defesa Nacional n. 87/88

E' incomprehensivel que aos auditores se dê agora o direito de interpellar os demais membros do conselho e que ao proprio presidente não prestem contas, ao passo que em tom imperativo se podem dirigir ás autoridades militares. E' curioso, tambem, que se lhes concedam as honras da impunidade, se faltam aos conselhos, quando aos officiaes juizes se sujeitam á prisão e perda de vencimentos.

Ao envez de um mecanismo compativel com a dignidade e a missão dos officiaes e de um conjunto de normas ao serviço da disciplina militar, eis-nos providos de uma adaptação da justiça civil, com os seus vicios congenitos e o peculiar cortejo de tricas do fôro. Nem lhe falta mesmo a chicana do advogado para negar o crime evidente e crear embaraço aos proprios interesses do Estado.

Não ousariamos discutir a obra, de certo magistral, no ponto de vista puro da technica jurídica.

Temos para nós, porém, que para corresponder aos seus elevados intuitos, se torna mister introduzir-lhe grandes alterações.

Quando não o determinassem os princípios injustos, a falta de compostura e de serenidade de que têm dado sobejas provas alguns auditores, seriam razões bastantes para se reconhecer que, a despeito das immunidades da toga, ou por sua causa, talvez, a justiça militar não inspira confiança. A' balança symbolica, preferiram os seus modernos *nouveaux riches* um par de grandes azas...

## A Lei de Promoções do Exercito Chileno

### 1. — INTERSTICIOS E CRITERIO PARA A PROMOÇÃO

A lei que regula as promoções aos diversos gráos da hierarchia militar, no Exercito Chileno, é, em suas linhas geraes, a de 23 de Setembro de 1890, completada, — quanto á maneira de apreciar o merecimento dos officiaes e de proceder a sua selecção, — pelo «Reglamento de Calificación y Empleo de los Oficiales del Ejército», de 15 de Maio de 1906, agora corrigido, em segunda edição, de 17 de Dezembro do anno findo.

Segundo a referida lei, no que ainda está em vigor, as promoções aos diversos postos são feitas gradual e sucessivamente, só podendo ingressar ao primeiro grão do officialato os cadetes saídos da Escola Militar com o curso completo, tendo mais de 18 annos de idade.

Para serem promovidos ao posto immediato, exige ella dos 2.os Tenentes tres annos de ser-

viço nesse posto, dois dos quaes em *corpo tropa da sua arma*, devendo os 1.os Tenentes para ascenderem a Capitão, além de satiszerem igual condição de interstícios e servir de tropa, prestarem um exame previo, — critico, oral e pratico —, que versa sobre *tática, fortificação, armamento, topographia e organisação e administração militar*<sup>(1)</sup>.

Para a promoção a Major e Tenente-Coronel é preciso ter servido *quatro annos*, pelo menos, no posto antecedente, sendo que, para promoção a Major, aquelle serviço deve sido feito em um corpo de tropa.

Para ascender a Coronel, são necessarios *tro annos*, pelo menos, no posto de Tenente-Coronel, exigindo-se outros quatro annos para a promoção a General de Brigada.

A promoção a General de Divisão requer apenas que o candidato tenha o posto de General de Brigada.

Em tempo de guerra, os prazos indicados reduzem-se á metade, para os officiaes que sirvam em campanha, no territorio das operações. Esses prazos não se referem, porém, ás promoções que o Presidente da Republica pode fazer no campo de batalha, nem ás que resultem de actos de bravura ou distinção, assim qualificados pelo Código Militar.

As vagas, do posto de 1.o Tenente a Tenente-Coronel inclusive, são preenchidas por officiaes das armas, em que se dérem, da seguinte forma:

até Capitão: 2/3 por antiguidade e 1/3 por merecimento;

até Tenente-Coronel: 2/3 por merecimento e 1/3 por antiguidade.

Quanto ás vagas de Coronel (providas por officiaes de qualquer arma) e de General de Brigada, não estabelecendo a lei de promoções de 1890 outra exigencia além dos quatro annos de serviço no posto anterior, eram preenchidas sómente por antiguidade; um decreto do anno passado alterou, porém, esse criterio, determinando fossem todas preenchidas por merecimento.

### 2. — APRECIAÇÃO DO MERECIMENTO

A promoção por merecimento, bem como a designação dos officiaes para os diversos cargos do Exercito, tem como base o conceito emitido annualmente pelos superiores sobre todos os officiaes em serviço activo, qualquer que seja sua função, no paiz ou no estrangeiro.

Esse conceito (*calificación*) refere-se á capacidade profissional e ás condições moraes do official, devendo ser *justo imparcial, isento de qualquer prejuizo e essencialmente verídico*. A auctoridade militar, ao emitir seu juizo sobre os officiaes, tem que pôr em evidencia as qualidades favoraveis ou desfavoraveis de cada um, obedecendo á especificação contida no formulário que daremos em seguida, de maneira que da *qualificación* se deprenda com exactidão a aptidão profissional do official, a phisionomia moral e os predicados de sua personalidade.

Especialmente dos commandantes de unidades, (regimento, batalhão, grupo ou companhia isolada) exige-se que ponham o maior escrupulo na expressão de seus julgamentos, pois são elles de consequencias decisivas, não só para a

(1) Daremos, a seguir, o programma e outras disposições relativas a esse exame.

formação do conceito que aos superiores, por sua vez, cumpre emitir, como no proprio destino dos officiaes. Por isso, prescreve o regulamento que «el calificador tendrá presente que su manera de calificar servirá de fundamento principal al concepto que de su persona se formaran los superiores que, a su turno, deben calificar», tornando responsavel, sem remissão, *al superior que calificar tendenciosamente*.

Ora, essa responsabilidade impõe ás auctoridades a quem incumbe a qualificação dos officiaes um estudo conscientioso dos dados antecedentes, das condições pessoais e da actividade de cada um delles, de fórmula a basear seu juizo em factos concretos. Se a auctoridade não dispõe dos dados necessarios a esse julgamento, solicita-os do superior que os possa fornecer; e se, ainda assim, não poder emitir uma opinião fundamentada, abstém-se de se pronunciar, exprimindo, porém, essa circunstancia e suas causas.

Quando ha contradicção entre os juizos emitidos por varios commandantes sobre um mesmo official, compete aos superiores, que têm de se pronunciar sobre elle, estudal-as attentamente, afim de deduzir o conceito justo da qualificação que corresponde ao official, «sem perder de vista, porém, a importancia e o valor do juizo emitido pelo commandante directo do qualificado».

A qualificação, como dissemos, refere-se a cada um dos predicados elementares que formam a personalidade do official, sob o duplo aspecto moral e profissional, e termina por um juizo synthetico da auctoridade que o emite, no qual ella declara categoricamente se o official desempenha correctamente, ou não, as funções que lhe estão confiadas, e se está, ou não, preparado para o exercicio do posto superior.

«Afin de facilitar a apreciação exacta da capacidade profissional, á auctoridade que faz a qualificação cumpre emitir os juizos concretos seguintes:

*a) Sobre os coroneis e commandantes de brigada* (1): se sabem dirigir tactica, administrativa e disciplinarmente as unidades que lhes estão confiadas, ou os destacamentos de tropas combinadas que ocasionalmente tenham comandado;

*b) Sobre os commandantes de regimento ou batalhão independente*: os mesmos conceitos anteriores e, além disso, se sabem dirigir a instrução de seus officiaes, do ponto de vista profissional, e sua educação, do ponto de vista social, pois, da maneira de viver dos officiaes é responsavel o commandante da unidade a que pertencem;

*c) Sobre os commandantes de institutos de instrução*: se demonstraram possuir as condições especiais que se requer para desempenhar tão delicadas funções, e das quaes se lhes supoz possuidores ao serem nomeados para esses cargos;

*d) Sobre todos os commandantes de corpo e, especialmente, os de artilharia*: se dedicaram à instrução do tiro a vigilância e fiscalização devidas, comprovadas pelo estado em que se encontra essa instrução;

*sobre os commandantes de grupo, capitães e 1.os tenentes de artilharia* (dos ultimos sómente

os que tenham mais de tres annos de serviço no posto): se sabem dirigir independentemente o fogo de seus grupos ou baterias;

*sobre todos os officiaes superiores de artilharia*: se têm capacidade para dirigir o fogo em geral; e

*sobre os capitães e 1.os tenentes de infantaria, com mais de tres annos de serviço*, se são ou não capazes de dirigir efficazmente o fogo de uma companhia; quando houver logar, mencionar a circunstancia especial de saber dirigir o fogo de metralhadora;

*e) Sobre os capitães de cavallaria*: se sabem, ou não, dirigir efficientemente o combate pelo fogo do esquadrão» (1).

#### 1. — Auctoridade a quem incumbe a qualificação

Em determinada época do anno, todos os commandantes de unidades, directores de institutos e chefes de repartições militares têm que formular a qualificação dos officiaes combatentes e não combatentes que servem directamente sob suas ordens. Quando se trata de officiaes não combatentes, a auctoridade militar qualifica apenas a conducta militar do subordinado, a sua qualificação profissional deduzindo-se do juizo que sobre elles emitem, segundo o caso, os medicos, intendentes e veterinarios da Direcção, em primeira instância, e, por ultimo, o Chefe do Serviço de Saude, o do Departamento de Administração e o Inspector de Remonta.

O Chefe do Serviço de Saude do Exercito, qualifica, porém, militar e profissionalmente os medicos da Direcção de Saude, limitando-se, quanto aos demais medicos militares, a emitir seu juizo profissional nas qualificações que lhe são enviadas.

As qualificações, uma vez formuladas, são enviadas pelos trâmites hierarchicos ao Departamento do Pessoal (Ministerio da Guerra), cumprindo aos superiores directos da auctoridade que as formularam emitir, por sua vez, seus juizos, em continuação dos já expressos.

Incumbe formular a qualificação ás seguintes auctoridades:

#### 1. — Ministerio da Guerra

Ao Chefe do Departamento do Pessoal, sobre os chefes dos outros departamentos e das demais repartições do Ministerio, quando sejam de graduação inferior á sua; os ajudantes de ordens do Presidente da Republica, o secretario do Conselho Consultivo, o Chefe da Secção Confidencial, o ajudante do Ministro, os officiaes á disposição ou agregados ao Ministerio, os chefes de commissões ou officiaes isolados em serviço no estrangeiro, excepto os Addidos Militares;

Aos chefes de departamento: sobre os das secções, o ajudante e os officiaes não combatentes do departamento;

Aos chefes de secção: sobre os officiaes que nella servem;

Aos chefes de commissões no estrangeiro: sobre os officiaes que as compõem; (Suprimimos as referencias relativas a outras repartições da organização militar chilena, por não terem correspondentes na nossa, e em nada adiantarem á comprehensão do assumpto.)

(1) Os commandantes de brigada, no Chile, são coroneis.

(1) Art. 7. do Reg. Calif. cit.

**2. — Inspecção Geral do Exercito  
e Inspecções subordinadas**

Ao Inspector Geral do Exercito: sobre os inspectores de armas, do trem e dos estabelecimentos de instrução; sobre os chefes de secção e o ajudante da Inspecção;

Aos outros inspectores: sobre os ajudantes da Inspecção.

**3. — Estado Maior Geral<sup>(1)</sup>**

Ao Chefe do Estado Maior: sobre os chefes dos departamentos<sup>(2)</sup>, ajudantes, Addidos Militares e o director da Academia de Guerra (E. E. M.);

Aos chefes de departamento: sobre os das secções; (As qualificações dos chefes do estado maior das Divisões são enviadas pelos commandantes destas ao Chefe do Estado Maior do Exercito para que elle emitta seu juizo e as remetta ao Departamento do Pessoal);

Aos das secções: sobre os officiaes de Estado Maior, officiaes estagiarios (*a prueba*) e os officiaes que servem no E. M., sem essa categoria;

Ao Director da Academia de Guerra: sobre o sub-director, inspectores, ajudantes, professores e officiaes alunos.

**4. — Divisão de Exercito**

Ao commandante da Divisão: sobre o chefe do Estado Maior, ajudante, official de recrutamento, officiaes não combatentes dos serviços, os addidos á Divisão e os commandantes das Brigadas;

Ao Chefe do Estado Maior: sobre os officiaes de estado maior.

**5. — Brigadas e unidades subordinadas**

Ao commandante da Brigada: sobre o ajudante e o oficial de recrutamento da mesma, e sobre os commandantes de regimentos, batalhões e grupos independentes;

Aos commandantes de unidades: sobre os maiores, capitães e tenentes, e os officiaes não combatentes; (Elles pôdem pedir aos capitães dados e opiniões sobre os tenentes, e aos maiores, sobre os capitães.) \*

Uma discriminação de auctoridades analoga ás que acima demos, regula a qualificação dos officiaes pertencentes á Dirección del Material de Guerra e ás Fabricas, Depositos e Arsenaes que della dependem, obedecendo sempre ao mesmo principio: os chefes emitem seu juizo sobre os officiaes que servem imediatamente sobre suas ordens, e, por sua vez, são julgados pelo superior de quem dependem, o qual confirma ou rectifica o conceito expresso sobre os officiaes.

Quanto aos estabelecimentos de instrução militar, (Escola Militar, Escola de Sargentos, E. de Artilharia e Engenharia, E. de Cavallaria, E. Militar de Aeronautica e E. de Tiro de Artilharia) seus directores são qualificados pelos inspectores das diversas armas a que esses institutos estão ligados (Inspector dos Estabelecimentos de Instrução do Exercito, inspectores de Artilharia e de Engenharia, Inspector de Cavallaria, Inspector Geral de Aviação) e qualificam, por sua vez, os officiaes combatentes, professores, e não combatentes que servem sob suas ordens.

(1) Estado maior do Exercito.  
(2) As grandes divisões do E. M.

Finalmente, os officiaes pertencentes ás esquadrias de aviação, quando estas fazem parte integrante das Divisões, são qualificados pelos commandantes destas, que enviam seus juizos ao Inspector Geral de Aviação, para que exerçam seu conceito e os remettam ao Ministerio da Guerra; quando elles não dependem directamente das divisões, é ao Inspector de Avia que compete qualificar os officiaes.

(Continua).

E. Leitão de Carvalho.

## As metralhadoras na guerra de movimento

Pelo General de Divisão reformado Fortmüller.

Publicado pela Revista Militar de Buenos Aires em seu numero de Janeiro do corrente anno. Traducção do Cap. A. C.

(Continuação)

Em muitas occasões nem esses mesmos pôdem ser praticados, em virtude da poeira e do fumo que envolvem, comumente, o campo de batalha, especialmente no tempo seco.

Um adversario que se não deve desprezar, tanto no ataque como na defesa, são os aviões de combate que vôam a muito pequena altura do solo. Desde que baixem a 30 ou 50 metros conseguem obter, a par de um profundo effeito moral, um outro material, que pôde ser de graves consequencias, sobre a infantaria desabrigada, seja fazendo fogo de metralhadoras, seja lançando cargas de explosivos.

Contra elles nenhum resultado obtêm os meios normaes de que se utilisa a defeza anti-aerea estabelecida mais á retaguarda. A primeira linha de combate deve bastar-se a si mesma. O melhor exito é obtido pelo fogo concentrado de varias esquadras de metralhadoras, que devem, para isso, empregar munição especial. Do fogo irregular de atiradores isolados, bem como das accões discordantes de metralhadoras isoladas, não se deve esperar, em geral, resultados apreciaveis.

Na phase final do assalto devem-se achar em primeira linha as esquadras de metralhadoras. Se algumas dellas têm ficado para traz, em posições de fogo, afim de proteger a irrupção dos atiradores na posição inimiga, avançam então sem perda de tempo para poder intervir com a maxima potencia de fogo nos vaivens da lucta á curta distancia, ou para iniciar o fogo de perseguição no caso de retirada do inimigo.

Ainda durante a phase final que precede immediatamente o corpo a corpo, ha logar para o tiro de metralhadoras.

Se se trata, apenas, de manter a posição conquistada, nella permanecendo, tem toda a oportunidade o emprego das metralhadoras. E' sob a protecção destas que a infantaria se reorganisa e restabelece o seu escalonamento em profundidade, quasi sempre desapparecido durante a lucta.

Se o avanço deve, porém, continuar além da posição conquistada, segue-se a perseguição. No prosseguimento desta e no caso de conseguir o inimigo tomar pé em novas posições, cabem ás esquadras de metralhadoras as mesmas missões por elles desempenhadas durante o ataque.

Se o inimigo se encontra em uma posição organizada com todos os recursos de que dispõe a moderna fortificação de campanha, far-se-á de um modo mais lento e methodico o avanço das esquadras de atiradores e de metralhadoras, as quaes, durante a progressão, terão de utilizar-se dos instrumentos de sapa.

Em tal caso effectuar-se-á um assalto simultaneo a partir de uma determinada posição. A infantaria assaltante avançará, em regra, em varias ondas successivas de linhas de atiradores e pelotões de assalto, as esquadras de metralhadoras intercaladas nas ondas. Quando o terreno o permite, entrincheiram-se algumas metralhadoras deante da posição de partida; de modo a constituirem os chamados ninhos de ataque e de onde possam bater com seus fogos a guarnição da posição inimiga, até a chegada da primeira onda de assalto.

Os pelotões de assalto, — cuja missão é revolver as trincheiras de combate e de communicações inimigas, expugnar os ninhos de metralhadoras e apossar-se de pontos de apoio — são em geral providos de metralhadoras leves para o tiro á curta distancia.

Os serviços de remuniciamento e reabastecimento de agua para as armas automaticas são de execução difficult no ataque. Não é muito facil fazer-se uma idéa da quantidade de munição que se perde no terreno do combate.

E' esse um mal que só uma disciplina severissima poderá remediar.

O atirador isolado poderá prover-se de novos cartuchos recolhendo os dos mortos e feridos; mas a munição em fitas

para as metralhadoras e, na generalidade dos casos, a agua para o resfriamento da arma automatica, vêm da retaguarda. A quantidade de munição necessaria para uma metralhadora leve, em um dia de fogo, pôde ser calculada em 2.000 cartuchos;  $\frac{3}{4}$  desse total devem achar-se com a arma automatica e a parte restante com a companhia ou, em ultimo caso, com o batalhão.

O cmte. da companhia regulará oportunamente o serviço de reabastecimento de munição. Nesse serviço nunca se devem empregar homens isolados e sim grupos de soldados ás ordens de um chefe responsavel, pois que a pratica ensina que ha serias resistencias intimas a vencer para se fazer chegar alguma coisa até a mais avançada linha de combate.

### III — *A esquadra de metralhadoras na defensiva*

A efficiente e rapida concentração de fogos que as metralhadoras leves permitem obter, têm plena applicação quando se batem os alvos fugitivos. Deante de metralhadoras intactas nenhuma tropa poderá avançar impunemente; corre, mesmo, o risco de ser totalmente anniquilada.

Tambem, na defeza, as esquadras de metralhadoras fazem parte da primeira linha de combate.

Estabelecidas de tal modo que dominem com fogos cruzados e convergentes o terreno que deve percorrer o atacante, constituem o esqueleto da guarnição, ao mesmo tempo que o principal elemento de sucesso para repellir o assalto da infantaria inimiga.

Ha pontos do terreno que por sua excepcional situação induzem a nelles colocar-se um grande numero de metralhadoras. E' uma tendencia essa que é preciso evitar-se, pois a reunião de muitas metralhadoras em um espaço reduzido, por isso mesmo que facilita o reconhecimento da artilharia inimiga, as expõe a uma destruição facil.

As esquadras de metralhadoras prestam-se especialmente para ocupar pontos avançados, á frente das posições amigas, de onde possam bater as partes do terreno que se acham fóra do alcance dos elementos que guarnecem aquellas posições.

Os fogos de flanco são, incontestavelmente, da maior efficacia; commumente, porém, é preciso contentar-se com fogos

cruzados. Uma esquadra de metralhadoras que esteja estabelecida, por ex., em um ponto onde a posição muda de direcção, e que pôde fazer fogo de flanco deante da parte da posição que segue, só estará livre para executar essa especie de fogo quando o trecho da posição em que ella se encontra não fôr atacado de frente, pois ao contrario é preciso attender em primeiro logar ao ataque frontal.

Por esse motivo é mais conveniente estabelecer os elementos de flanqueamento em pontos tales, á retaguarda da posição, que os preservem de uma lucta frontal, por ex., na encosta posterior de uma altura em cuja encosta anterior se encontra a propria posição.

Como, porém, a maior efficacia do tiro da metralhadora ligeira é obtida ás curtas distancias, não se presta essa arma, tão bem como a metralhadora pesada, ao tiro por cima das tropas amigas; é esse também o motivo pelo qual raramente se a emprega nos flanqueamentos.

Na organisação das contravertentes têm amplo emprego as metralhadoras pesadas. (Vêr Parte B, Cap. 3.º).

Nos trabalhos de organisação do terreno empregam-se indiferentemente as esquadras de atiradores ou de metralhadoras. Pequenos abrigos cobertos são sempre contruidos para as metralhadoras.

Recommenda-se que, na defensiva, só se abra o fogo das metralhadoras leves quando o adversario tiver attingido o limite entre as curtas e as médias distancias.

Na zona das distancias médias é o inimigo batido pelas metralhadoras pesadas e pela artilharia.

Só quando se trata de grandes alvos e se empregam varias peças é que se poderá esperar das metralhadoras leves, atirando a distancias médias, uma efficacia que compense os gastos de munição.

Os aviões de combate são repellidos ou abatidos pelos mesmos processos indicados para o ataque.

Para a lucta contra os tanks, a infantaria que se acha em primeira linha não dispõe de elementos sufficientes; recorrem-se a outras armas ou meios auxiliares. A citada infantaria deve dirigir seu fogo, tanto o de metralhadoras como o de fuzis, contra a infantaria inimiga que avança protegida pelos tanks, afim de ba-

tel-a. Tanto os chefes como a tropa, no caso de um ataque de tanks, devem dominar os seus nervos e confiar na accão da artilharia e dos lança-minas leves, por cuja conta corre a destruição dos mesmos. Aos que desse modo não forem eliminados, deixa-se que avancem até distancias muito curtas, para então batelos com fuzis e metralhadoras leves.

Com a munição commun aponta-se ás pequenas aberturas destinadas á visão; com a munição especial atira-se nas paredes lateraes, nos depositos de benzina e de agua.

Situação difficult para a defeza é quando o atacante consegue cobrir com uma densa nuvem de fumaça e neblina artificial a posição atacada, mediante o emprego de projectis fumigenos de artilharia, ou de bombas que a infantaria arroja deante de si. Toda a observação se torna então impossivel, a partir de 20 ou 30 metros de distancia, e ás vezes menos. Nessa conjunctura, as esquadras de metralhadoras empenhadas na lucta devem effectuar, sem interrupção, curtas rajadas de fogo, com alça fixa, na direcção que lhes corresponde. A solução mais simples e que mais garantias offerece, é o fogo puramente frontal de todas as metralhadoras leves e fusis. Para esse mistér, fixam-se por meio de signaes, nas posições de fogo, os limites da pontaria em altura e direcção. Postos de vigilancia são colocados á curta distancia á frente das posições.

E' absolutamente indispensavel que tudo esteja preparado não só para a abertura instantanea do fogo, como tambem para a lucta com granadas de mão, logo que surjam, no meio da neblina, as primeiras silhuetas, a principio difficéis de reconhecer, dos assaltantes.

Em muitos casos é preciso deixar passar os «tanks» para se poder rechassar a infantaria que os segue de perto. Na neblina, pôdem-se destruir aquellas máquinas de guerra mediante o emprego de grandes cargas de explosivos lançadas por soldados habeis e audazes.

O remuniciamento é mais facil na defeza que no ataque. Não só nas posições de fogo, mas tambem nos depositos situados á retaguarda, trabalha-se activamente no sentido de facilitar á arma automatica uma abundante provisão de fitas cheias.

(Continúa)

## Os novos regulamentos

No intuito de proporcionar aos nossos camaradas, principalmente áquelles que servem fóra desta Capital, elementos que lhes permittam dissipar as duvidas que forem encontrando na interpretação dos novos regulamentos, encarregamo-nos, desde o n.º 96, de transmittir-lhes os esclarecimentos prestados pelos Mestres Francezes, que, sempre solícitos por tudo quanto se relacione com a instrucção do nosso Exercito, accederam de bôa vontade aos nossos desejos nesse sentido.

Servindo-se desse meio, endereçou-nos um camarada da *Provincia* duas consultas a propósito de prescripções do R. S. C.

Reproduzimos abaixo as consultas que nos foram enviadas e as soluções dadas pelo Exm. Sr. General Gamelin.

### 1.ª Consulta

«Classificando os fogos de *acompanhamento da infantaria* no ataque, o R. S. C. (pag. 43, n.º 1, letra B) distingue-os em *barragens rolantes*, fogos de *varrer* e de *concentração contra objectivos sucessivos*.

A minha duvida é se o fogo de *varrer* pôde por si só ser empregado como *acompanhamento da infantaria*, em substituição á *barragem rolante*, ou se elle deve ser usado de combinação com os outros dois, tal como se deprehende, por exemplo, da ordem do commandante da artilharia na solução do tema proposto para o exame de admissão á Escola de Estado Maior, em 1919, (pag. 35 do folheto que traz essa solução) na qual se prescreve o emprego do fogo de *varrer* (*ratisage*) como um intermediario entre *concentrações sucessivas*.»

### 2.ª Consulta

«No mesmo R. S. C., pag. 41, lê-se: «*Artilharia posta á disposição de um Commandante de Destacamento de Segurança*. — Neste caso o Commandante do *Destacamento* opera em relação a essa Artilharia como o Commandante da *Divisão* em relação á Artilharia *Divisionaria*.»

Competirá ao Commandante do Destacamento assignalar posições para essa artilharia, ordenar seus deslocamentos, os sistemas de fogos a empregar, ou tudo isso é da alçada do proprio Commandante da artilharia, a quem o Commandante do Destacamento indica apenas a missão geral a cumprir?»

### Soluções

1.ª) Os fogos de varrer visam attingir as reservas inimigas que pôdem achar-se atraçados dos objectivos.

O apoio directo faz-se, pois, sob a forma de barragem rolante ou de concentrações successivas. Os fogos de varrer têm cabimento, quer no intervallo das concentrações, quer depois das barragens rolantes, quando o objectivo é attingido.

2.ª) As posições que se têm de ocupar, os deslocamentos e os systemas de fogos fixa-os o Cmt. do Destacamento, como acontece com o Cmt. da Divisão, levando em conta, si houver lugar, as propostas do Cmt. da Artilharia. O Cmt. da Artilharia tem o encargo das medidas de execução.

## A guarnição de Matto-Grosso

Nunca é demais procurar esclarecer o Governo sobre o futuro de Matto Grosso ou, antes, do paiz, neste Estado, cujas fronteiras, abertas e desguarnecidas, oferecem a um inimigo occulto ou disfarçado um attrahente alvo para as suas visadas... expansionistas.

Acharam os competentes que o extensíssimo Estado deveria descer de «grande região» a «circumscripção militar», isto é, a um destacamento das tres armas. Não se terão enganado? Ou isso ou, então, pensaram — e, nesse caso, pensaram muito bem — que mais valia transformar Matto Grosso num destacamento mais ou menos verdadeiro do que conservá-lo, «no papel», como uma divisão do exercito, com um estado-maior, comando ficticio de brigadas e cacos de regimentos...

No entanto, é preciso que o Estado-Maior do Exercito e o Governo voltem suas vistas para cá, patrocinando a criação de uma divisão neste Estado, mas... uma divisão de verdade. Cercado de fronteiras, como está, Matto Grosso oferece aos seus vizinhos todas as vantagens para uma invasão, num caso de guerra, pois aqui terão elles, entre outros elementos indispensaveis ás suas tropas, boiadas que poderão suprir numerosos exercitos, durante meses seguidos.

\*  
Não vemos vantagem nenhuma, para o Exercito e para a Nação, na constituição de Minas Geraes em uma divisão.

Esta deve, antes, ser deslocada para Matto Grosso, onde melhores serviços prestará á patria, vigiando e garantindo-lhe as fronteiras. Porque a verdade é que estamos por completo desamparados nesta parte da Federação, entregues á mercé da sorte varia e do acaso irresponsável.

Os nossos vizinhos, não duvidamos — antes acreditamos sinceramente, quiçá nos orgulhamos disso — são todos nossos amigos e procuram, naturalmente, estreitar as relações de amisade que a elles nos unem; mas, é cediço replicar, «antes prevenir do que remediar». Reza um velho brocado popular que os individuos só não são inimigos até a vespera do dia em que o deixam de ser, e amigos o eram a França e a Alemanha; no entanto, de um momento para outro, surgiu aquella guerra formidável que jamais poderá ser esquecida. E é por isso que, sem quebra da tradicional amisade que mantemos com as nações vizinhas, achamos que o sul de Matto Grosso deve ser suficientemente guarnecido com forças numerosas — notadamente nas fronteiras — e capazes de resistir aos primeiros embates e impedir, até que o reforço chegue, que a E. F. Noroeste seja cortada e cortadas sejam as passagens e comunicações pelos rios Paraná e Paraguai.

A guerra hoje é de surpresa, e si o Brasil fôr envolvido em uma lucta nestas paragens, naturalmente o adversario não nos pedirá que antes despejemos forças em Matto Grosso; elle invadir-nos-á o sul do Estado, tomando conta de nossos bellos e incomparaveis campos e das nossas intermináveis boiadadas e, dominando toda essa extensa e appetitosa zona, fará desaparecer a Noroeste, indo interceptar-nos a passagem pelos rios Paraguai e Paraná.

Não temos a menor dúvida de que, mais tarde ou mais cedo, o valoroso soldado brasileiro, verdadeiro leão indomável quando sente a patria ultrajada, expulsará do sagrado torrão patrio o invasor. Mas, até lá, quantas vidas preciosas á Nação não terão sido sacrificadas, enquanto a affronta da ocupação estrangeira será um facto, por culpa de nosso descaso em coisas tão sérias?

E é por isso que achamos que a Divisão existente em Minas deveria ser deslocada para Matto Grosso, e a «circunscripção» deste Estado para aquelle.

Minas pôde se contentar perfeitamente com uma circunscripção militar, porque o numero de corpos desta, completo, é o sufficiente para receber o voluntariado e os sorteados das Alterosas, e dar-lhes instrucção. Matto Grosso não terá a gente necessaria, em numero, ao serviço; mas o soldado mineiro, bahiano, paulista, fluminense, amazonense, rio-grandense ou maranhense, tanto é soldado brasileiro no Estado em que nasceu como em qualquer outro, porque todos esses Estados constituem esta grande, formosa e incomparavel patria, pela qual devemos, orgulhosos e satisfeitos, dar a nossa ultima gota de sangue.

Matto Grosso está abandonado e, num caso de invasão, não será com duas penadas ou com duas vozes, sómente, de commando, de longe, que expulsaremos o inimigo!

Corumbá, Julho de 1921.

*A. de Magalhães.*

**Art. 7º dos Estatutos.** — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos.

## A futura Escola de Cavallaria

### II

Não occultaremos o geral agrado com que foi recebido o nosso artigo nesta revista, preconisando a necessidade de ser creada uma escola de cavallaria entre nós.

E' que o pensamento desta creação existe em todos quantos, conhecendo o espirito da arma de cavallaria, não ignoram que não ha cavallaria sem um centro organisado de especialisação, onde não só se forme o cavalleiro no sentido commun do termo, como se desperte a propria paixão profissional, pelo conhecimento minudente de todas as particularidades relativas ás complexas exigencias da arma.

Não se trata, evidentemente, de fundar um estabelecimento destinado a favorecer uma certa arma com esquecimento das exigencias das demais.

Na organisação dos regulamentos de tais escolas prevê-se, como na do Chile,

a participação de officiaes de outras armas nos seus cursos, embora, dada a condição especial da arma de cavallaria, o objectivo primario das mesmas seja a formação de officiaes desta arma aptos ao desempenho de qualquer missão, por mais ardua, exigida delles na guerra.

Para não nos referirmos sinão ás escolas da nossa vizinhança, não é mister recordar que a Argentina e o Chile possuem estabelecimentos modelares no gênero, estabelecimentos já fundados há muitos annos e que, vasados a principio em idéias de emprestimo, hoje têm o seu proprio feitio atravez de uma intelligent evolução que acabou por dar a taes estabelecimentos as características de uma definitiva criação nacional.

Quem se tenha nesses paizes posto em contacto com os seus officiaes de cavallaria gaba-lhes, com expressões de justo entusiasmo, o acendrado ardor da dedicação á arma, o orgulho que não sabem disfarçar de serem cavalleiros, deixando na extreme attitude de correção e garbo transparecer um grande sentimento da dignidade do destino que lhes coube.

E' o de que precisamos nós.

Egualemos na mesma craveira os nossos officiaes, communiquemos á arma o espirito de resolução forte que é o seu ápanagio, e a administração que lograr a realização desse «desideratum», por todos os titulos digno de amparo, terá prestado ao Exercito serviço de relêvo que o tempo mais e mais irá pondo em destaque.

No ponto de vista da dotação em material, o Exercito atravessa um periodo promissor, sobretudo no que concerne á construção de quartéis.

E' preciso, porém, considerar que os volumosos dispendios da administração têm sido até certo ponto minorados com o concurso que lhe trazem ora os Estados, ora as municipalidades, pela cessão gratuita de immoveis.

Em Pindamonhangaba o governo paulista possue uma propriedade cuja aquisição, dado o espirito altamente patriótico dos seus homens publicos, talvez não fosse difficult á administração da guerra. Essa propriedade, onde o governo paulista desenvolve a criação cavallar, poderia, mediante um entendimento mutuo, ser adaptada á nossa futura escola de cavallaria e não é preciso encarecer as

vantagens que resultariam para o grande Estado com o ser a séde de um estabelecimento de tal ordem.

E' apenas um alvitre.

Não é nosso intuito intervir em seára reservada á economia interna da administração.

Alvitramos soluções pelo interesse que o assumpto desperta e pelo interesse, ainda maior, de apressar a realização da idéa.

O momento parece próprio para iniciativas desta ordem e é um velho brocardo o de que nem sempre as oportunidades se repetem...

Num ponto de vista geral, a escola objectivaria:

a) proporcionar aos segundos-tenentes, recem-destinados á arma, os conhecimentos necessarios e a pratica indispensavel ao perfeito desempenho da sua tarefa profissional;

b) aperfeiçoar, no duplo aspecto theórico e pratico, os conhecimentos dos primeiros-tenentes antigos das armas montadas, de maneira a tornal-os cavalleiros destros e resolutos, do mesmo passo instructores, desenvolvendo-lhes as qualidades de commando e de administração;

c) manter, por via de cursos especiais, os capitães e officiaes superiores de cavallaria ao corrente das innovações nos regulamentos e sua applicação, conservando-lhes, além disso, o treinamento phisico indispensavel.

Subsidiariamente a escola teria, ainda, por fim desenvolver nos officiaes inferiores não só o gosto como a destreza de cavalleiros, ministrando-lhes todos os conhecimentos indispensaveis ao cumprimento da sua missão dentro nas suas unidades.

Um curso destinado á formação de fereadores completaria o programa da escola.

Dentro nesses moldes conseguiríamos, corrido algum tempo:

a) uma doutrina e um methodo de equitação;

b) o gosto pelo cavallo e a pratica de uma equitação ousada no exterior;

c) uniformizar a interpretação dos regulamentos da arma;

d) crear uma fonte de apprendizagem para o constante aperfeiçoamento dos regulamentos.

Pedro Cavalcanti  
Capitão.

# Transmissões

Com o intuito de facilitar o emprego do alfabeto Morse na signalização a braços e optica, de acordo com o novo R. E. M. T. indica um processo muito simples.

São as letras distribuidas em quatro grupos, faceis de serem retidos de memoria pela disposição dos signaes; estes são lidos ou transmittidos, banindo completamente idéa de numero, como no antigo regulamento.

1º grupo	{	:	:	:	.	e	i	s	h
		:	:	—	—	e	i	s	v
		—	—	—	—	e	i	u	ü
		—	—	—	—	e	i	u	f
2º grupo	{	—	—	—	—	e	a	w	j
		—	—	—	—	e	a	w	p
		—	—	—	—	e	a	r	á
		—	—	—	—	e	a	r	l
3º grupo	{	—	—	—	—	t	m	o	ch
		—	—	—	—	t	m	o	ões
		—	—	—	—	t	m	g	q
		—	—	—	—	t	m	g	z
4º grupo	{	—	—	—	—	t	n	d	b
		—	—	—	—	t	n	d	x
		—	—	—	—	t	n	k	y
		—	—	—	—	t	n	k	c

Dois homens bastam para o posto como no regulamento francez. No caso da recepção um dos homens vendo no outro posto levantar o braço direito lerá immediatamente *e*; em seguida, sem quebra da cadencia, vendo apparecer o mesmo signal lerá *i*; apparecendo de novo o mesmo signal lerá *s*; ainda mantida a cadencia, sendo levantados os dois braços lerá *v*; feita a pausa pelo posto contrario dicta a letra lida por ultimo ao companheiro, que a registra. No caso da transmissão um dicta a letra ao outro e este signalisa o grupo em que ella está incluida, até encontral-a na leitura mental que procede, em coincidencia com o gesto.

A transmissão ou leitura dos algarismos também torna-se muito facil pois os respectivos signaes têm correspondentes nos quatro grupos — os 5 primeiros nos 1.º e 2.º e os 5 ultimos nos 3.º e 4.º; cada algarismo tendo um quinto signal, este serve para definil-o melhor.

1	.	—	—	—	—	e	a	w	j
2	.	—	—	—	—	e	i	u	ü
3	.	—	—	—	—	e	i	s	v
4	.	—	—	—	—	e	i	s	h
5	.	—	—	—	—	t	n	d	·
6	—	—	—	—	—	t	m	g	·
7	—	—	—	—	—	t	m	o	ões
8	—	—	—	—	—	t	m	o	ch
9	—	—	—	—	—	t	m	o	ch
0	—	—	—	—	—	t	m	o	ch

*Nota.* O ü pouco empregado na signalização optica e a braço, só apparece no 1.º grupo para facilitar a leitura do algarismo 2.

Od. Dénis  
1.º Tenente

## Considerações sobre o estabelecimento de linhas aéreas entre Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul

Agora que começamos a dar os primeiros passos no sentido de desenvolver a aviação militar; agora que se sentem os nossos pilotos desejosos de enfrentar as travessias aéreas em diferentes direcções do Paiz, urge que algo seja feito no sentido de lhes attenuar os perigos a que resolutamente se entregam de corpo e alma, sem nada reclamar, a não ser o avião em ordem de marcha que os deve transportar para pontos longínquos, através das grandes cordilheiras, grandes inimigas a quem elles bem conhecem, mas, como verdadeiros temerários enfrentam a sangue frio, com a maxima ousadia.

Actualmente se trata do «raid» Rio de Janeiro-Rio Grande, já tendo sido feita a primeira tentativa pelo tenente Chaves, que fez de um só percurso a etapa Rio-Santa Catharina em apparelho Breguet, aterrando no mesmo Estado em virtude de desarranjo no motor.

Tratamos aqui de «raid» militar, onde as exigencias são imperiosas e ás vezes inadiaveis, conforme as circumstancias do momento.

Agora vamos encarar a questão sob o nosso ponto de vista, que é visando a necessidade do estabelecimento de linhas aéreas, nas regiões em que necessitamos viajar, e sem as quaes os grandes «raids» tornam-se perigosissimos.

Nestas condições, tendo o nosso Governo de crear ou estabelecer esquadrilhas, parque e outros serviços aeronauticos, no Rio Grande do Sul, é mistér providenciar no sentido de preparar linhas aéreas com o fim de ligar nosso centro de aviação ás nossas esquadrilhas, naquelle Estado.

E' sabido que uma locomotiva não viaja sem ser sobre trilhos, que um automovel tambem não viaja em bôas condições, senão em estradas de rodagem; assim um avião não viajará sem seus perigos attenuados, senão, fazendo seu percurso por cima de uma linha de campos, onde em caso de desarranjo, elle possa aterrizar.

Parece á primeira vista que se exige viajar o avião por cima de uma linha ininterrupta de campos, não! Estes cam-

pos podem ser estabelecidos pelo menos de 150 a 150 ou mesmo 200 kilómetros. Se no entanto pudermos ter campos de 100 em 100 kilómetros, ou menos, melhor será para os pilotos, que viajarão com uma relativa tranquillidade e convencidos sempre do perfeito sucesso, segundo os recursos com que poderão contar, de acordo com os cálculos feitos.

Não é só isto que devemos levar em conta, é preciso mostrar que uma boa linha aérea representa incalculável valor por um duplo aspecto: em primeiro lugar, contribue para a economia preciosa da vida dos pilotos que, tendo bons campos, estarão sempre garantidos em caso de «pannes»; e em um Exército bem organizado, seus chefes sabem quanto vale e quanto custa á Nação a vida e o preparo de um piloto; em segundo lugar, no caso de um serviço intensificado, a linha aérea evitando os desastres por falta de campos, ipso-facto, traz uma economia avultadíssima; basta dizer que uma máquina Breguet de tipo grande raid sendo inutilizada dá á Nação um prejuízo de 70 a 80 contos e este prejuízo será infallível uma vez que esta máquina atterre sempre em campos brutos. Para avaliar a situação de um piloto que actualmente enfrenta o «raid» Rio-Porto Alegre, só quem o acompanhasse como passageiro o poderia fazer, dando seu justo valor e reconhecendo sua audácia e despreendimento. Mas tornava-se ainda necessário que durante a viagem em trajecto por cima de cordilheiras pegasse máo tempo accossado pelos constantes «remous» e lufadas, para assim observar quanto trabalha um piloto afim de conduzir bem e com segurança sua máquina. Só depois de passada a tempestade é que poderia avaliar quanta energia despendeu aquele homem, conservando sempre sua physionomia serena como se nada de anormal se estivesse passando.

Agora, se o piloto viaja por cima de uma linha aérea regular, caracterizada por uma série de campos, e é accossado por um máo tempo com tendencias a peiorar, elle atterra no primeiro campo que encontra, deixa passar a borrasca, para depois levantar q vôo continuando a viagem sem ter causado nenhum prejuízo, a não ser, o da pequena demora. Precisamos caracterizar que o piloto sempre que levanta o vôo é confiante em tudo, menos

no motor de explosão, que elle considera um amigo no qual não deve confiar, ficando á espera do primeiro momento opportuno para delle receber a traição; e nesse momento é preciso que elle se revista da maior calma para fazer uso de todas as manobras necessarias a uma bôa defesa. Assim acontecendo, conseguirá elle salvar sua vida e do observador que, como sabemos, é quasi sempre seu inseparável companheiro de jornada em aviação militar, e que entregue aos serviços de sua profissão, nada receia, confiante na acção, capacidade e energia do piloto.

Pelo que acabamos de expôr poderá se fazer um ligeiro juizo do que seja a sorte do piloto nessas travessias, onde actualmente não conta com o minímo abrigo para em caso de desarranjo na machina ter como taboa de salvação 50 a 60 metros de campo onde possa de qualquer modo atterrarr.

E' a esta serie de campos entre si distanciados, que chamamos linha aérea, que fornece ao piloto uma tranquillidade incalculável, a ponto de duplicar seu coeficiente moral.

No estabelecimento de uma linha aérea devemos considerar 3 categorias de campo: 1.º, o campo estação, de maiores dimensões, onde se encontram combustivel, lubrificantes, peças de sobressalentes, uma pequena officina de ligeiras reparações; 2.º, campo onde se encontram gazolina e óleo (pequenas estações) e um barracão que possa abrigar um a dois aviões; 3.º, o pequeno campo intermediario, de menores dimensões, e que permitte «atterrissages» francas em caso de necessidade.

Estes campos podem ser construidos pelas municipalidades, os quaes futuramente poderão transformar-se para elles em fontes de renda, quando começarem a funcionar empresas aéreas de transporte, sem que em nada venha prejudicar á aviação militar a dupla utilização.

Com a construção dos campos, as proprias cidades muito lucrarão, pois com a estadia dos aviões haverá sempre afliuencia de povo atraído pela curiosidade de ver voar uma máquina, e desta afliuencia seu commercio muito lucrará. Poderá mesmo o Governo comprometer-se, ou antes determinar, que um ou

mais pilotos com uma ou varias machinas faça uma especie de excursão de pontos em pontos, afim de conseguir maior animação e despertar mais a curiosidade e o interesse. Assim tomando o Governo a iniciativa e estabelecendo perfeito entendimento com os Governos dos Estados, e estes com suas municipalidades, poderemos com relativa facilidade construir a linha aérea Rio de Janeiro-Rio Grande do Sul, e assim ligar a nossa Escola de Aviação ás nossas esquadrihas no mesmo Estado.

Vamos vêr como e de que modo poderemos estabelecer a linha aérea, que consideramos, em nosso modo de ver; uma impreverivel necessidade. Podemos estabelecer a linha aérea costeando o oceano e escalando suas diferentes cidades e villas, como mais adiante veremos. Sob o ponto de vista militar, julgamos ter alguns inconvenientes a linha costeira. Primeiro que tudo, ella sujeita nossas esquadrihas á accão, não só das esquadrihas aéreas inimigas em caso de belligerancia, como tambem á accão da artilharia dos vasos de guerra que se approximem da costa, pois ha pontos da travessia que a Serra do Mar quasi que tem suas fraldas nascendo do oceano. Devemos tambem levar em conta que quasi todos os vasos modernos possuem artilharia ante-aérea de grande ou bem regular alcance. Devemos tambem fazer a hypothese de que, dada a grande extensão de nossas costas, seja burlada a vigilancia de nosso patrulhamento naval, e, nestas condições, tenha havido um regular desembarque, e que nesse ponto sejam installadas baterias anti-aéreas, que agindo contra nossos aviões os ponham em sérias contingencias. Por outro lado devemos encarar a questão de transporte, quer de aviões, quer de materiaes para as estações. Havendo necessidade de transportar de alguns pontos, um avião, que por qualquer motivo atterrou, temse que lançar mão de transportes difficéis, ou esperar vapor por um certo tempo, o que talvez a situação não permitisse. Logares existem que se acontecer um revez a um piloto, difficéis seriam os meios de soccorros. Um outro inconveniente é que pontos existem em que difficilmente se poderá conseguir um reduzido e deficiente campo. Porém, acima de tudo isso, é preciso considerar que essa linha aérea é necessaria aos

hydros-aviões e que poderão os aviões terrestres aproveitá-la para certas e determinadas emprezas.

Para constituir a linha aérea costeira pensamos que ella devia obedecer á seguinte escala de estações e campos: campos e estações — Campo dos Afonsos — Santos — Paranaguá — Florianópolis — Araraquá — Porto-Alegre. 2.o, os pequenos campos de «atterrissagens» forçadas, pois nelles os aviões só atterrão em casos de «pannes» ou por uma outra causa qualquer, afim de remediar o inconveniente e continuar a viagem. Na linha aérea costeira estes campos serão: Paraty — Iguape — Cananéia — Guaratuba — Laguna e Torres. Esses campos em quasi sua totalidade ficarão proximos da costa ou á beira mar, razão porque algum soccorro que nelles exista será commum aos hydro-aviões. Quanto aos campos estações esses poderão atender perfeitamente aos hydro-aviões e aviões terrestres.

Passemos a ver o estudo da linha aérea que acompanha o traçado da via-ferrea S. Paulo-Rio Grande. Antes de o fazer precisamos entrar em considerações varias, que demonstram a razão de sua preferencia á linha costeira sob o ponto de vista militar. Em primeiro logar basta mostrar que uma esquadilha ou um avião que segue do Rio de Janeiro com importante mensagem, ou com outra qualquer incumbencia em caso de guerra, e que tenham de encontrar-se no menor espaço de tempo com altas autoridades, ou que precise pôr-se em contacto com as nossas esquadrihas d'allí, estará muito mais garantido viajando pelo valle comprehendido entre a Serra do Mar e a Cordilheira Central, do que ao longo da costa (isso em caso de belligerancia). Devemos lembrar-nos que ao longo da costa, como anteriormente consideramos, podemos encontrar muita sorte de surpresas, quasi inadmissiveis ao longo do valle, graças á magestosa e neste ponto de vista heroica Serra do Mar.

Seria preciso uma sortida de loucos temerarios para zarpar dos tombadilhos dos navios e tentar contra a Serra do Mar, com o fim de attingir o valle e nelle combater, o que seria muito para o raio de accão das machinas de caça. Sob este ponto de vista a linha aérea acompanhando o leito da S. Paulo-Rio

Grande, é de uma superioridade incalculável, segundo nosso modo de pensar.

Parece, á primeira vista, que sob o ponto de vista militar, deveria seguir-se outra rota, pois por esta, já tínhamos o recurso da via-ferrea. Não! E' preciso considerar-se que em campanha tudo é possível acontecer, e em tal caso supponhamos que, por uma acção do inimigo (em caso de campanha interna) ou por um accidente qualquer, fiquemos com todas as communicações cortadas em uma grande extensão da via ferrea, como nos aconteceu na campanha do Contestado. Nestas condições, existindo a linha aérea o avião restabelecerá as communicações, transportará autoridades, correspondências etc. Supponhamos mais que durante a viagem de um avião tem este um insucesso, precisando ser transportado com urgencia para uma estação. Isto se fará rapidamente, graças á proximidade dos campos á via ferrea. Consideremos mais a questão da facilidade de abastecimento das estações bases, por ficarem tambem todas na proximidade da via ferrea. Existe mais a vantagem da affluencia de passageiros para a estrada com o fim de observarem de tal ou qual estação a sortida ou a passagem de aviões, augmentando a sua renda. Parece-nos tambem que de um certo modo contribuirá fortemente para augmentar o povoamento ás margens da linha, pois é claro que o avião, no seculo actual, representa o mensageiro do progresso. Observando o percurso da linha aérea sob o ponto de vista meteorologico, segundo o nosso modo de pensar este percurso não será peior do que o costeiro. Outro factor importante que vem em favor da linha aérea central é que além dos campos estabelecidos e preparados, zonas existem nas quaes se encontram campos naturaes, que offerecem perfeitas condições de «atterrisages». Feitas estas considerações passemos a ver quaes os pontos que necessitam ter campos de «atterrisages», e quaes os que devem ser campos estações bases.

Os campos bases serão: CAMPO DOS AFFONOSOS — S. PAULO — PONTA GROSSA — SANTA MARIA — ao todo 4 bases.

As pequenas bases serão: GUARATINGUETA' — FAXINA — UNIÃO DA VICTORIA — P. FUNDO — ao todo 4

pequenas estações, onde os aviões encontrarão gazolina e oleo.

Os campos de «atterrisages» de emergencia serão: BARRA — CAÇAPAVA — SOROCABA — ITAPETININGA — CASTRO e CRUZ ALTA, ao todo 6 campos.

Podemos levar em conta que entre muitos destes campos, encontrarão os pilotos campos naturaes, nos quaes em caso de desarranjo da machina possam aterrizar em bôas condições.

Na zona comprehendida entre PONTA-GROSSA e UNIÃO DA VICTORIA ha varios campos que dão aterrisages. De UNIÃO a PASSO-FUNDO existem campos que permitem aterrizar em bôas condições, apesar de não ser muito bôa a zona, e dahi em diante até proximo de SANTA-MARIA, existem campos capazes de dar certa tranquillidade aos navegantes aéreos.

Durante a viagem aérea nesta linha, de PONTA-GROSSA pôde-se escalar CURITYBA em caso de necessidade, e dahi seguir rumo Sul tomando a linha novamente em UNIÃO DA VICTORIA. De UNIÃO pôde-se atingir CORITY-BANOS e LAGE. De SANTA-MARIA pôde-se ir a PORTO-ALEGRE e escalar CACHOEIRA, TAQUARY e TRIUMPHO. Por estas zonas ha recursos de campos. De SANTA-MARIA pôde-se atingir ALEGRETE e URUGUAYANA como continuação da linha RIO DE JANEIRO-RIO GRANDE. De CRUZ ALTA pôde-se atingir SANTO ANGELO e em linha recta ALEGRETE e URUGUAYANA, despresando SANTA-MARIA. Resta-nos observar que em varios pontos desta linha pôde o avião rumar em linha recta abandonando o trecho da linha ferrea para retomar-a adeante onde encontrará nova estação.

Vamos discriminar estes trechos principaes onde a via ferrea faz suas maiores curvas. Do CAMPO DOS AFFONOSOS a GUARATINGUETA', despresando BARRA, ganha o avião uma bôa etapa. Para os aviões de grande raio de acção teremos a etapa em linha recta do CAMPO DOS AFFONOSOS a S. PAULO, de S. PAULO a PONTA-GROSSA; de PONTA-GROSSA a SANTA-MARIA em linha recta ganhará uma regular etapa. De UNIÃO DA VICTORIA a PASSO-

FUNDO a via ferrea faz um «S» que, por uma linha recta, será cortado reduzindo a distancia; de PASSO-FUNDO á SANTA-MARIA pôde-se tirar outra recta deixando de escalar CRUZ-ALTA. De FAXINA pôde-se escalar CURITYBA em linha recta, tendo para isto de atravessar as pequenas ramificações da Serra do Mar que se estendem para Oeste.

Creio que para se ter melhores detailes seria preciso fazer a viagem pela via-ferrea escalando demoradamente estes pontos e os examinando detidamente para depois apresentar-se um trabalho perfeito neste sentido, pois com o auxilio das cartas, creio que, o que acabo de expôr será o maximo que se possa fazer, salvo maior capacidade.

Mediante uma inspecção criteriosa á margem da linha, não só se observará os pontos onde tenham de se estabelecer os campos, como os terrenos intermediarios dos mesmos com todos os accidentes e planicies, que é o que mais interessa ao assumpto. Durante o periodo dessa inspecção no leito da linha se poderá, em todos os pontos, fazer um ligeiro estudo meteorologico, onde se possa observar a intensidade das correntes aéreas, suas direcções e intensidades em diversos periodos do dia.

Uma vez construída essa linha, a viagem ao Rio Grande do Sul torna-se relativamente facil. E tende cada vez mais a progredir esse grão de facilidade com o apparecimento de novos campos que virão intercalar-se aos existentes, devido aos povoados novos, fazendas etc.

Nestas condições, mais tarde se poderá chegar ao ponto de ser a etapa vencida por pequenas escalas até por um avião de escola. Precisamos apenas que o Governo leve em consideração este empréstimento para o vermos realizado, pois não é tão difícil quanto se julga, quando sabemos que destes campos muitos já se encontram em bom estado, e apenas requerem ligeiro aperfeiçoamento. Acresce que esta linha pega varias faixas de terrenos que sem nenhuma modificação permitem boas atterrisages como já referimos.

Resta-nos agora abrir um ligeiro parêntese, para analysarmos rapidamente um outro trajecto, ou antes uma outra linha aerea que tambem se impõe pelo seu alto valor estrategico. Não precisa-

mos analysar suas vantagens, para monstrar sua necessidade; basta apen dizer que ella nos leva a duas fronteiras que geralmente exigem pelo menos quando em vez uma ligeira inspecção afim de observar o que de anormal passa. Refiro-me á linha aerea SOROCABA-CURUMBA' que, segundo o levado da via ferrea e atravessando os Estados de S. Paulo e Matto-Grosso, nos deparamos em contacto com as fronteiras do Paraguai e Bolivia. Desde Campo Grande esta linha aerea já nos deixa em pleno contacto com as nossas forças aquarteladas em Bella Vista, Aquidauana, Nioac, Corumbá, etc. Em todas estas zonas encontram-se campos que permitem aterrizar regularmente, além dos estabelecidos, isto observado pelo cotejo das cartas. No estabelecimento da linha devemos considerar em primeiro lugar os pontos principaes, onde se conte com suficientes recursos e que satisfacjam regularmente a questão do raio de acção das machinas. Nestas condições poderão ser escolhidas como estações bases desta linha aerea, as seguintes: BOITAVA - BAURU' — 3 LAGOAS — CAMPO GRANDE e PORTO ESPERANÇA, ao todo 5 estações bases; e como campos de atterrisages de emergencia: SOROCABA — ARAÇALUBA e MIRANDA, ao todo 3 campos de emergencia.

Agora, durante o estudo da rota, feito por escala de pontos em pontos, se poderá determinar campos naturaes que permittam franca atterrisage e os caracterizar effectuando as melhoras de que necessitem. Obedecendo ás melhores conveniencias de situação, entre Campo Grande e Miranda podemos intercalar outro campo em Aquidauana e dahi escalar Nioac e Bella Vista além de outros pontos de interesse.

Quanto aos meios e modos empregados para a construcção destes campos, devemos proceder de accordo com o que já aconselhamos quando tratamos da linha RIO DE JANEIRO-RIO GRANDE.

Relativamente ás condições topograficas dos terrenos comprehendidos neste trecho, temos a dizer, de accordo com o cotejo das cartas, que elles offerecem melhores condições do que os comprehendidos na linha RIO-RIO GRANDE.

*Cap. Marcos Evangelista Villela.*

## Artilharia de Costa

Por occasião do ultimo artilhamento feito na Fortaleza de São João, foram ahi installadas duas baterias de Costa, denominadas «Mallet» e «Marques Porto», e organizada uma bateria movel, constituída de canhões de campanha de 75 m/m.

O antigo material de artilharia era constituído por canhões de carregar pela boca, de varios calibres e systemas, quasi todo installado em casamatas. Para a guarnição desta praça existia o 6.º B.º de Art. de Posição, a 4 baterias, que sucedeu á antiga escola de aprendizes artilheiros, que ahi funcionava.

O 6.º B.º dava destacamentos para o Forte do Imbuhy, Lage, Gragoatá e para as baterias de fogo da propria Fortaleza. Era então designado, trimestralmente, um capitão para commandar as baterias de fogo, e todas as baterias designavam praças para a conservação e limpeza do referido material.

Com a instalação do novo material, as baterias de fogo ficaram formadas então por este material. Veio tambem uma nova organização, transformando o 6.º B.º em 2.º B.º de Art. de Posição a 6 baterias.

O 2.º B.º passou então a destinar uma bateria para o Forte da Lage e outra para as baterias de fogo da Fortaleza, destacamentos esses que se substituiam de 3 em 3 mezes, em virtude da disposição do art.º 28 do Regulamento das Fortificações (5 de Março de 1910), que assim diz:

«Nas Fortificações, cuja guarnição for de duas ou mais baterias, o comandante designará trimestralmente cada commandante de bateria para commandar as baterias de fogo.»

Esta disposição regulamentar em face da nova organização, creou a situação de ficarem «4 baterias» sem commando de canhões e sujeitas a uma espera de «15 mezes» para que lhes tocasse um desses destacamentos.

Pelo § 1.º do art. 29 do citado regulamento, ao Comte. das baterias de fogo incumbe: «Ter sob sua guarda todo o material de artilharia, paioes e depósitos».

Esta outra disposição fazia depender do Comte. das baterias de fogo immensa

«carga», constituída pelo material de artilharia, material sobre salente, palamenta, munição (projectis e polvora), paioes com machinismos, artefactos e mais uma porção de material velho, dando-lhe uma tremenda responsabilidade ao enfeixar em suas mãos tres baterias e toda sua «carga», enquanto quatro capitães, com suas unidades, ficavam, a bem dizer, sem coisa alguma, a não ser os fusis de que estavam armadas as «baterias». Pode-se dizer que praticamente essas 4 baterias de Costa estavam reduzidas a «companhias» de infantaria, e d'ahi, talvez, o pendor accentuado que havia para os exercícios de infantaria, que entre os annos de 1912-1915 tiveram uma phase brilhante, com a realização dos classicos exercícios geraes de infantaria, ás quintafeiras.

Ainda pelo § 2.º do art.º 29, cumpria ao Comte. da barra:

«Dirigir os exercícios de artilharia e as manobras, fazendo preleções aos officiaes e praças da guarnição acerca dos machinismos, apparelhos, uso da palamenta, ferramenta e respectiva technologia, bem como o manuseamento das espoletas e outros artificios, avaliação de distancias, regras geraes e elemen-tares de tiro e efecto do tiro.»

E, pelo § 7.º: «Entregar, no fim de cada trimestre, ao Comte., por intermedio do major, o mappa de tudo quanto estiver a seu cargo, no qual mencionará o que tiver recebido e consumido, com declaração das respectivas datas.»

Além dessas atribuições, tinha o Comte. da barra a administração da sua unidade e das baterias de fogo e a confencia da colossal carga. E' bem evidente que tão grande accumulo de trabalho só podia ser contraproducente.

O Comte. da barra, só para a confencia da carga, dispendia um tempo maior que o da duração do destacamento, absorvido nesse trabalho, com prejuizo dos outros exigidos pelo regulamento.

E' mais do que claro que n'um periodo de tres mezes uma bateria não podia tomar conhecimento d'uma instrucção que no minimo exigia de um anno a anno e meio.

D'ahi a realização de exercícios de tiro, sem obedecer a um criterio technico, instructivo e efficiente. Nunca foram re-

soltados themes de tiro de bateria. Os exercícios de fogo, na sua generalidade, enquadravam-se nos limites do tiro ao alvo á Ilha do Pae, da Cotunduba etc. Era um mal decorrente da nova organização e das disposições regulamentares, até hoje em vigor.

O sistema de bateria destacada por tres mezes, fundamentalmente se oppunha á instrucção real e efficiente que deviam ter as baterias.

Esta situação devia ter ruido por terra com o advento da verdadeira instrucção creada pelos regulamentos moldados á allemã.

Quem compulsar os regulamentos de instrucção de 1916, e os de tiro de artilharia, anteriores a essa data, verá, pelos deveres attribuidos aos Capitães, que tornou-se basico, para todos os effeitos, dar a cada Capitão sua bateria material. Portanto, entregar a um capitão tres baterias, com toda a sua carga, era destruir tudo quanto se tem aprendido em artilharia. Estava-se, assim, homologando um velho systema, proprio de epochas remotas.

Em 1917, veio nova organização, creando a Artilharia de Costa, e transformando o antigo 2.º B.m em 3.º Grupo de Artilharia de Costa, a 4 baterias, sendo que uma destas baterias ficaria destacada no Forte da Lage.

Existindo em São João 3 baterias, parece que esta nova organização visou dar a cada bateria de fogo um Capitão com sua bateria.

Como entretanto continuasse de pé o Regulamento das Fortificações de 1910, permaneceu o velho systema de bateria destacada.

Mais tarde um pouco, o 3.º Grupo passou por outra organização e ficou sendo o 2.º Grupo, a tres baterias, organização que parece ainda ter em vista dar a cada bateria de fogo um Capitão, com sua unidade. Entretanto, isto ainda não sucedeu. Estava o antigo regulamento como uma «cunha» a impedir uma organização racional e propria á missão das baterias. Surgindo um conflicto entre esse regulamento velho e os novos de instrucção, foram-se fazendo adaptações que ainda não correspondem ás necessidades reaes da instrucção.

A organização actual, sob o ponto de vista do commando das baterias, é a seguinte:

A bateria «Marques Porto» está sob o commando d'um Capitão com sua unidade; a bateria «Mallet», homogenea e individual, está fraccionada em duas, tendo, portanto, dois capitães, e como só ha um posto telemetrico, um dos capitães ficará, neste assumpto, subordinado ao outro; a bateria movel foi dividida entre os tres commandantes das duas baterias de Costa, e todo o material — munição, paioes, machinismos — pertencente ás tres baterias, está nas mãos d'um capitão que, como antigamente, de tres em tres mezes o passa ao que lhe substitue no destacamento.

Em caso de guerra o Capm., detentor da carga das tres baterias, terá a um tempo que commandar a sua bateria e attender a outras, no que diz respeito á carga. Si fôr preciso organizar a bateria movel, tem-se que tirar um capitão da «Mallet», para aquella, havendo portanto douis serviços, um de organização e outro de desorganização.

Esta organização será sancionada pela pratica?

Parece-me, pois, que sob o ponto de vista da unidade de commando, das vantagens para a instrucção, da aprendizagem, do material e da administração, é natural que em cada bateria fique um capitão com sua unidade.

O Comte, da bateria movel, para instrucção de artilharia de Costa, servir-se-á de qualquer dessas duas baterias, como sempre foi estabelecido. Um capitão, tendo em suas mãos, e sob sua unica responsabilidade, sua bateria, com a carga, munição, paioes, telemetros e sistemas de ligações, que lhe pertencem, estaria em optimas condições para agir com a autonomia que lhe é propria, necessaria para a efficiencia de sua bateria. Os estudos dos sectores de fogo, da profundidade da sua area marítima, dos pontos da costa para referencias, dos serviços de communicações, de remuniciamento, de preparo de munição dos paioes, de conservação e limpeza do material, seriam feitos com vantagens reaes.

A collocação d'uma bateria, com todos os elementos de combate, na mão d'um capitão, offerece uma situação magnifica para uma instrucção real e efficiente de

sua unidade. Assim, organizado o 2.º Grupo, tendo cada bateria de fogo o commando d'um capitão, com sua unidade, gozando d'uma autonomia apropriada ao real preparo dessas unidades, estava o grupo com suas «cellulas mater» perfeitamente apparelhadas para os misteres da guerra. Durante a paz, esta organização facilitaria a solução de themes tacticos e de tiro para as baterias, e, depois, para a solução de themes para o Grupo. A ordem administrativa, a disciplina e a instrucção só terão a lucrar com esta disposição.

Como complemento desta organização, seriam estabelecidos os exercícios de fogo em alvos moveis, no fim de cada anno de instrucção. A economia de meia duzia de contos de reis, para a construcção de alvos moveis, e de algumas dezenas de tiros redundam num prejuizo talvez quatro vezes maior do que a despesa desses minusculos exercícios.

E' mister que se preparem não só reservistas de artilharia de costa, «como officiaes de artilharia de costa».

Artilharia de Costa que não atirou na paz, formando artilheiros, quando entrar na guerra, além de ter canhões já antiquados, apresentará um tremendo inconveniente: «a falta de artilheiros que acer tem tiros».

*Carlos de Abreu  
Capitão de Artilharia.*

## Informações sobre o inimigo colhidas nos indicios por elle deixados no terreno \*

### Fontes de Consulta

Le soldat et la section au service en campagne  
Cap. Rousseau

Instruction pratique sur le service de l'Infanterie en campagne du 5-10-1902, modifiée le 27-5-1906.

Patrulha de Infantaria

Tte. Burlamaqui.

FIM — Ensinar ao homem a deduzir a presença do inimigo, seu effectivo, seus movimentos e seus projectos por meio dos signaes por elle deixados no terreno e pelos ruidos despertados por sua passagem em um dado ponto.

Esta instrucção, geralmente pouco cuidada, tem grande applicação em campanha e em especial nas missões da sen-

tinella e do patrulhador; sua necessidade e importancia estão precisadas nas DIRECTIVAS PARA AS UNIDADES POSTAS A' DISPOSIÇÃO DA E. A. O., onde se estabelece que «o conhecimento do terreno, a orientação de dia e de noite, a procura de indicios no terreno permitindo verificar a passagem de tropas ou viaturas e sua natureza e a avaliação das distancias, constituem a base do ensino do serviço em campanha».

METHODO — A dificuldade de conseguir a representação dos incidentes necessarios faz com que não se possam organizar exercícios especiaes para esta instrucção e por isso ella será dada em occasões favoraveis. E' geralmente no periodo das manobras que essas occasões se apresentam e então o instrutor deve provocal-as, aproveitando principalmente os exercícios de tropas de outras armas e, mesmo, de outros corpos de Infantaria, para despertar a attenção dos homens para os indicios mais frequentes.

Destes os principaes são:

POEIRA — A poeira que se destaca com regularidade ao longe assinala uma columna em marcha. De sua progressão deduz-se a direcção de marcha da columnna; de sua espessura e altura, a natureza da tropa que a constitue; e de sua profundidade, o effectivo approximado da columnna. Assim, a poeira progide na direcção da marcha da columnna; a poeira da infantaria é baixa; á da cavallaria é alta e pouco espessa; a da artilharia montada ou a cavallo e comboios, alta e espessa; a profundidade da porção continua da poeira dá uma ideia approximada do effectivo da columnna, porque ella representa mais ou menos a profundidade desta: um regimento de infantaria com o trem de combate tem a profundidade de 3350 metros; um batalhão de caçadores com trem de combate, 1100 metros; um regimento de cavallaria com trem de combate 1300 metros; um grupo de 75 de campanha com columnna ligeira de munição 1000 metros; um grupo 75 de montanha com columnna ligeira de munição 600 metros; um grupo de 155 curto com columnna ligeira de munição 1500 metros; um grupo de 120 longo com columnna ligeira de munição 1000 metros; os trens de estacionamento de um regimento de infantaria,

a de 500 metros; os de um batalhão de caçadores, de um regimento de cavalaria e de um grupo de artilharia, 150 metros.

**FOGOS DE ESTACIONAMENTOS —** A intensidade da fumaça, durante o dia, o clarão e o numero de fogos ou seu reflexo no céu durante a noite, prestam informação sobre a collocação e importancia de um estacionamento. E' preciso, entretanto, preaver-se contra os ardis do inimigo, como por exemplo, accender bastantes fogos para dissimular movimentos.

**RASTROS —** Os rastros deixados pelos homens, cavalos e viaturas constituem um excellente meio para reconhecer a direcção das columnas e sua composição. Além disto, pôde-se acompanhar o movimento das patrulhas inimigas pelos rastros por elles deixados. Uma instrucção continua permitirá ao soldado a experienzia de um bom rasteijador. Nos terrenos cobertos, deve-se prestar muita attenção aos ramos quebrados, capim amassado, etc.

**REFLEXOS —** Os reflexos do sol sobre os objectos brilhantes denunciam as tropas em movimento.

A' noite, os lampejos intermitentes são indicios de patrulhas ou de tropas e é preciso aprender a localizar os pontos de onde partiram.

**ESTACIONAMENTOS ABANDONADOS —** Os indicios deixados por uma força no local do estacionamento permitem fazer um juizo de seu effectivo e composição, approximadamente. Estes indicios são: papeis, detritos, matto batido ou machucado, objectos diversos, sulcos de vehiculos, etc.

**RUIDOS DIVERSOS —** O rolar de viaturas, grito e estalar de chicote dos conductores, barulho dos motores de automóvel indicam geralmente um comboio. Os latidos prolongados de cães nas povoações e fazendas indicam quasi sempre a passagem de tropa. Assobios curtos e repetidos, estalidos seccos produzidos pelo quebrar dos ramos, o farfalhar descontinuo da folhagem, sons produzidos por pancadas na arma, o sacolejar da marmita, etc., denunciam a presença de homens ou patrulhas do inimigo, principalmente á noite.

**OUTROS INDICIOS —** O material abandonado no campo ou nas estradas

pelo inimigo constitue um excellente meio de informação, pois, permite avaliar a natureza e effectivo do inimigo por meio, principalmente, dos numeros das unidades nelle contidos.

**TIROS —** Não é facil determinar local de onde parte um tiro que se ouve mas deve-se ter sempre em vista o seguinte: um tiro dado por um homem que se acha de costas para quem observa, só deixa perceber uma detonação; porém um tiro dado por aquele que estiver de frente para quem observa, deixa perceber duas detonações: a primeira, estridente, faz com a direcção do atirador um angulo maior ou menor, conforme a distancia entre este e o observador; a segunda, geralmente surda ou muito mais fraca, é a unica que dá a direcção da posição do atirador.

#### NOÇÃO DE DIRECÇÃO

**FIM —** Ensinar aos homens a se colocarem, quando parados, com a frente para um dado ponto do terreno, ou a marcharem em direcção a esse ponto, de modo a incutir-lhes o sentimento da direcção.

**METHODO —** Deve-se começar justificando a importância desta noção por meio de exemplos praticos, onde sejam evidenciadas a necessidade e as consequencias funestas advindas da ausencia deste conhecimento. «E' sabido que a necessidade de utilizar o terreno, o fractionamento em numerosos elementos e a extensão das frentes de marcha exigem que cada grupo tenha uma grande independencia, e só o estabelecimento de uma direcção commun (direcção de marcha, eixo de ataque) pôde coordenar o conjunto do movimento». (Dressage de l'Infanterie au combat offensif — Cel. Grandmaison).

Esta noção combinada com o principio do «sigam-me» e a noção do grupo base (R. E. C. I. 158) constitue um factor indispensavel na conducta da tropa no combate.

Passa-se então á instrucção propriamente dita, mostrando no terreno quaes os pontos que devem ser tomados para indicar a direcção: que sejam bem visiveis, inconfundiveis e que estejam o mais longe possivel do observador. Manda-se, em seguida, que os homens se

colloquem com a frente para um ponto determinado e, quando tiverem bastante pratica, faz-se com que escolham pontos intermediarios de referencia para marchar em direcção ao ponto indicado, tendo antes o cuidado de convencel-os da necessidade destes pontos intermediarios e da condição a que devem satisfazer (bastante afastados um do outro).

Executa-se, depois, a marcha para o ponto de referencia indicado, servindo-se dos pontos intermediarios escolhidos e, quando isto estiver bem comprehendido, exige-se que elles escolham novo ponto intermediario, logo que attingam o primeiro escolhido, ou que este deixe de ser visto, devido a uma coberta, ou, ainda, em caso de mudança de direcção.

Para evitar ideias falsas, convem habituar os homens, desde o começo, a alliarem este ensinamento com a necessidade do aproveitamento do terreno. Para esse fim, faz-se-lhe ver que não são obrigados a se manter continuamente sobre a linha de direcção, e que dentro de certos limites podem della se afastar para aproveitar o terreno, contanto que a ella voltem logo que cesse aquele motivo.

Os homens serão mais tarde exercitados em determinar sua direcção de acordo com a dada a outro homem; o qual lhe vae servir de base. Indicada uma direcção ao homem base, faz-se com que outro homem se colloque a seu lado, segundo certo intervallo, e com a frente para o ponto dado; escolha os pontos de referencia intermediarios; e siga na direcção dada. Si o ponto de direcção dado ao homem base estiver muito distante, elle poderá servir de ponto de referencia para o outro, pois, então, os intervallos serão conservados durante a marcha com facilidade; mas si não fôr possível isso, o ponto de referencia desse ultimo será escolhido á direita ou á esquerda do do homem base, de acordo com o intervallo determinado.

Estes exercícios poderão ser prosseguidos nas Escolas do Grupo e do Pelotão, de modo a se obter destas unidades sua collocação com a frente para um ponto indicado, ou sua marcha para esse ponto.

**ANGULO DE MARCHA** — Quando os homens tiverem tomado conhecimento com a bussola, ensina-se-lhes a marcha-

rem segundo um certo azimuth (angulo de marcha). Para isso, exige-se que fixem no terreno, por meio de pontos distintos e de accordo com o que já foi dito acima, a direcção cujo azimuth foi dado, e que se sirvam da bussola logo que tenham attingido o primeiro ponto de referencia escolhido, com o fim de determinar outro ponto de referencia. Este exercicio será muito interessante á noite, com a neblina ou nos terrenos muito cobertos, devido á dificuldade em escolher os pontos para fixarem a direcção. Aconselha-se, quando não fôr possivel determinar taes pontos, balisar previamente a direcção por meio de homens, que á noite poderão trazer nas costas lanternas ou placas phosphorescentes. Nos exercícios de approximação, haverá frequentemente oportunidade para applicar os ensinamentos expendidos acima, porque «é indispensavel durante os periodos de approximação não perder a «noção da direcção», que deve sempre ser assegurada por pontos de direcção, isto é, por pontos de referencia afastados, bem visiveis, e por linhas successivas do terreno, que se trata de attingir, fazendo-se ainda a confirmação por meio da bussola». (R. E. C. I./241).

## Reconhecimentos de Artilharia

Estudo do Capítulo II do R. E. A., II Parte

Todo reconhecimento de artilharia começa por um estudo da zona a reconhecer, estudo effectuado na carta ou no plano director. Este estudo orienta as pesquisas a fazer e permite, por isso mesmo, ganhar tempo.

Os Comtes. em reconhecimento têm todo interesse em entrar em contacto e trocar impressões com os Comtes. de unidades que já operaram ou que operam na região ou nas regiões vizinhas, afim de que seu trabalho seja beneficiado pelas informações e pela experiência adquiridas por estes officiaes, que muito pôdem adiantar pela observação, pelo estudo que já tiverem feito e pelo conhecimento da situação que já lhes está mais esclarecida.

O estudo da carta e a procura das informações, em regra geral, não devem dispensar os Comtes. de A., que operam um reconhecimento, de vêrem, elles pro-

prios, o terreno onde vão se engajar as unidades sob suas ordens.

O reconhecimento de A. comprehende sempre:

1.<sup>o</sup>—o reconhecimento dos objectivos (objectivo de ataque ou zona onde poderão aparecer, modo de conduzir o tiro contra elle, etc.) ;

2.<sup>o</sup>—o reconhecimento dos observatórios é consequente organização da observação no sector da unidade;

3.<sup>o</sup>—o reconhecimento do terreno a ocupar e sua distribuição pelas unidades que devam ser empregadas;

4.<sup>o</sup>—o estudo das transmissões a estabelecer; e

5.<sup>o</sup>—o estudo das primeiras operações de preparação do tiro.

Representa um trabalho progressivo que vai melhorando a medida que progredir, devendo ser, por isso, convenientemente escalonadas no tempo suas diferentes phases. A execução será devidamente distribuida pelos diferentes órgãos de cada escalão de comando de modo a apresentar uma continuidade de trabalho: o reconhecimento de cada unidade tenderá a completar o da unidade imediatamente superior. Depois do engajamento e mesmo no decorrer do combate, o reconhecimento prosegue em todos os escalões: não termina nunca. O aperfeiçoamento das condições já obtidas será constante, no intuito de ficar ao corrente das novas situações, procurar informar sempre os escalões subordinados, facilitando-lhes sua tarefa, e participar aos escalões superiores tudo o que puder ser útil aos chefes e unidades vizinhas.

O reconhecimento tem por fim *preparar a entrada das baterias nas posições de tiro e fornecer os dados necessários para as colocar em acção, cumprindo a missão, no menor tempo possível*. De sorte que o reconhecimento terá em vista empregar as Bias. sem que estas percam tempo nem façam deslocamentos desnecessários.

Para o emprego das Bias. o reconhecimento deve tirar o maior proveito das seguintes relações entre a protecção a lhes assegurar e o tempo disponível:

1.<sup>a</sup>—Nas acções offensivas (superioridade de meios) deve-se subordinar a escolha das posições de tiro, o mais pos-

sível, ás proximidades dos pontos de onde se possa ao mesmo tempo observar e commandar com facilidade, para que o tempo gasto com a entrada em acção e com o estabelecimento das ligações internas seja o mínimo.

Este princípio, fundamental para a guerra de movimento, só em casos extremos conduzirá ao sacrifício completo da protecção que deve ser fornecida ás Bias.

2.<sup>a</sup>—Nas acções defensivas (aproveitamento do terreno) deve-se subordinar a escolha das posições de tiro ao maximo de protecção (desenfiamento, trabalhos) que o terreno disponivel possa oferecer, sem prejudicar o cumprimento da missão; os observatórios, apesar da crescente dificuldade dos meios de ligação, serão lançados para pontos de onde se possa, completamente, ver a zona de acção da unidade.

O reconhecimento representa para a A. um tempo morto. Será necessário reduzir este ao minimo possível ou mesmo anular-o de todo.

O Comte. de uma unidade qualquer de A., de acordo com o Commando, tendo decidido o emprego a dar ás suas Bias., dará as ordens necessarias para sua execução. A execução exige os reconhecimentos previos: será preciso, então, que entre o momento em que é expedida a decisão e a consequente entrada das Bias. na posição, *decorra o minimo tempo possível*. Praticamente esse principio é traduzido da maneira seguinte:— Supondo um Grupo em A., que pelas ordens emitidas pelo Comte. do Agrupamento, deva ser engajado na região B, tudo se fará para que o Grupo se ponha em movimento desde o momento da recepção da ordem e, sem se deter, marche até a sua posição em B, convenientemente reconhecida, preparada para recebel-o e prompta para fornecer todos os dados necessários á realização immediata do tiro; esse ideal será conseguido se o reconhecimento fôr realizado no tempo estrictamente necessário ao Grupo para se deslocar do ponto A ao ponto B.

Para qualquer escalão de Commando, não ha uma maneira tipo invariavel de se operar o reconhecimento. Constará de trabalhos cujo grau de aperfeiçoamento dependerá do tempo disponível para a entrada em acção das Bias.

Em marcha, logo que é prevista a necessidade de engajar a A. da columna, o Comte. da A. ordena o ayanço dos órgãos de reconhecimento das diversas unidades.

Esta ordem diz respeito mais particularmente ao pessoal de reconhecimento das unidades do Grosso.

O lugar habitual de reunião dos órgãos de reconhecimento das unidades que marcham com a V. G. é, convenientemente escalonados, na testa do Corpo desse elemento da columna.

Commumente, para as unidades do Grosso, em sua testa reunem-se os Comtes. de Agrupamento, se não receberem ordem de immediatamente irem participar do reconhecimento do Comte. da A. Igualmente, ahi virão se reunir os Comtes. de Grupo, quando chamados. Conforme as necessidades, ordens poderão ser dadas para que os diversos escalões, em que o pessoal de reconhecimento desses Comtes. é fraccionado, vñham se collocar tambem na testa do Grosso. Ou, então, que para ahi só vñham os escalões de maior urgencia, restando os demais nas testas das unidades. Semelhantemente, os instrumentos necessarios acompanharão os Comtes. em reconhecimento, restando o demais material nas viaturas do respectivo escalão.

\*

*Reconhecimento dos Comtes. da A. de Exercito e da D. I.* Os reconhecimentos realizados pelo Comte. de A. de Exercito têm por fim determinar as condições geraes de emprego da A. das G. U. (A. P. E. e sua reserva) e poder informar ao Commando sobre as possibilidades inhereentes á A. das Divisões.

Os reconhecimentos realizados pelo Comte. da A. de uma D. I. têm por fim determinar as condições geraes de engajamento da A. organica da D., de modo a permitir ao Commando da D. a obtenção do objectivo que collima.

Para a A. de Exercito é muito importante saber quando ha necessidade de attribuir-a, ou em parte, ás D., para reforçar a A. D. em determinados pontos, e quando ha necessidade de reservá-la para missões independentes (contra-bateria, etc.).

Para essa A., assim como para a A. D., é ainda importante saber como se

fará a cooperação com a A. das unidades vizinhas.

O modo de emprego da A. resulta da troca de idéas e, portanto, das decisões tomadas pelos Comtes. das D. I. e do E. em face da situação e missão confiadas á estas G. U. Por isso, os reconhecimentos dos Comtes. da A. das G. U. devem ser feitos conjunctamente com os reconhecimentos dos Generaes Comtes. das D. I. do E., e terão em vista concluir:

- a) reunião das unidades de combate em Agrupamentos, inclusive reunião de calibres para os fins que se deseja atingir em determinado ponto;
- b) distribuição das missões e das zonas de acção entre e ses Agrupamentos;
- c) a A. que permanece disponível (se houver necessidade de manter alguma ás ordens do Comte. da A. D. ou da A. E.);
- d) regiões onde deverão ser procuradas posições de A., ou como empregar a A. no terreno: escalonamento em profundidade (suppressão dos deslocamentos, necessidade de unidades avançadas e necessidade de flanqueamentos);
- e) regiões onde deverão ser procurados os locaes para observatorios e organização da observação; ás vezes precisar aos Agrupamentos um ou mais observatorios de commando;
- f) regiões reservadas para posições da A. P. E.;
- g) regiões em que deverão estacionar o P. A. D. e o P. A. E. (ás vezes logar separado para as S. M. desses Parques);
- h) a escolha de locaes para os Depositos de Munição e designação a cada Agrupamento do ponto e hora em que deverão reabastecer as C. L. M. (organização do reabastecimento e necessários itinerarios);
- i) o estabelecimento das ligações e transmissões, e organização do Serviço de Informações de A. na D. e no E., etc., etc.

Assim conduzido o reconhecimento fornecerá os dados essenciaes para a confecção das ordens a redigir e esse conjunto de dados constitue o *canevas do Plano de Emprego* da A. D. ou da A. E.

Além desse estudo mais propriamente relativo ás condições de emprego tactico, para que haja um mais completo rendimento da arma *em prol do maximo*

*rendimento a colher pelo conjunto*, os Comtes. da A. das G. U. devem tambem estudar com grande cuidado a natureza e o estado do terreno, o estado e a natureza da rede das estradas de rodagem, das obras de arte e realizar um estudo detalhado do desenfiamento das diferentes regiões (a ocupada pelo inimigo inclusive), para que taes Comtes. permaneçam com habilitações para dirigir a marcha, o desenvolvimento, a entrada em acção e o reabastecimento de suas unidades.

Estas ultimas prescripções são extensivas a todos os escalões de commando, até o Grupo.

A execução dos reconhecimentos de A. das G. U. deve, geralmente, começar:

a) logo que ha contacto da cavallaria — pelo estudo sobre a carta, regiões provaveis de engajamento, objectivos que poderão se apresentar á D. e ao E., possibilidades de movimento da A., regiões que offerecem desenfiamento, rede de communicações, etc.;

b) logo que apparecem os primeiros indicios de engajamento — os Comtes. de A. das G. U. partem com os Comtes. de E. ou D. I. e ajudados pelos seus officiaes adjunctos procedem ao reconhecimento em grosso do terreno, dos objectivos de ataque ou da região onde deve ser detido o inimigo, etc.;

c) logo que a situação se precisa — os Comtes. de A. procedem aos reconhecimentos dos observatorios de commando, dos P. C., das ligações, organisam o plano de emprego da A., etc.

Em quanto se realisa o trabalho de reconhecimento conclusões vão sendo recolhidas e constituindo o objectivo de ordens diversas, verbaes ou escriptas, todas com um cunho preparatorio, que terão por fim abreviar a parte de execução que compete a cada Agrupamento. Posteriormente, taes ordens devem ser confirmadas definitivamente por escripto (Plano de Emprego da A. ou Ordem de Operações da A.) por uma ordem geral; geralmente, nos casos de offensiva após um longo periodo de estabilisação cu depois de um contacto duradouro, consegue-se a emissão de tal ordem antes mesmo de serem iniciadas as operações; nos casos de combate de encontro, porém, na generalidade dos casos, os re-

conhecimentos só poderão fornecer os dados relativos á certas partes dessa ordem, e só o proprio engajamento fornecerá as informações necessarias para complemental-a.

Por este motivo torna-se indispensavel realizar os reconhecimentos *o mais cedo possivel*, desde que se possa prever o engajamento da A.

O meio pratico utilavel para assim proceder será o Comte. da columna marchar com a V. G. tactica dessa column, porque para ahi convergirão todas as informações que lhe possam interessar, e junto delle deverá marchar o Comte. da A. da column, porque só assim conhecerá a oportunidade de lançar os reconhecimentos para a frente.

Reconhecimentos particulares (obras de arte, itinerarios a adoptar, etc.), pôdem ser delegados a officiaes e mesmo a outros auxiliares do E. M. dos Comtes. da A. D. e da A. E.

Durante o combate, geralmente, os Comtes. de A. das G. U. permanecem, respectivamente, junto aos Generaes Comtes. da D. e do E.

Muitas vezes, durante o engajamento será preciso prever e reconhecer as possiveis mudanças de posição de parte da A.; tal operação deverá ser regulada pelas differentes unidades de modo a evitar suppressão de fogos no interior de cada zona de acção.

(Continua).

Cap. Grestes da R. Lima.

## BIBLIOGRAPHIA

### Recebemos e agradecemos :

*Revista da Escola Militar* — Agosto — Rio.  
*Memorial del Ejercito de Chile* — Julho, Agosto — Santiago.

*Revista Maritima Brazileira* — Julho — Rio.  
*A Estancia* — Julho — Porto Alegre.  
*Revista de Medicina e Higiene Militar* — Junho — Rio.

*Revista Militar* — Junho e Julho — Buenos Ayres  
*Union Ibero — Americana* — Junho — Madrid.  
*Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia* — Abril — Bogotá.

*Revista dos Militares* — Julho — Porto Alegre.  
*Memorial de Infanteria* — Julho — Madrid.  
*O Marujo* — Agosto — Rio.  
*Boletim do Estado Maior do Exercito* — Janeiro a Junho — Rio.

*A Aspiração* — Agosto — Rio.  
*Historia Militar do Brazil* — notavel trabalho do Capitão Genserico de Vasconcellos. E' o conjunto

das conferencias realizadas o anno passado na Escola de Estado Maior por esse distinto e operoso official.

*Guia do monitor*, do Cap. Ruy França, util trabalho, posto em dia com os novos regulamentos. Destinado á infantaria, diversas de suas partes podem, entretanto, ser consultadas com proveito pelos monitores das outras armas.

A todos os candidatos á caderneta de reservista e especialmente ás sociedades de tiro recommendamos esta publicação.

*O Catecismo Civico*, trabalho do Capitão Pedro Cavalcanti. Orientado pelo programma estabelecido pela «Liga da Defesa Nacional», destina-se a difundir entre a juventude as noções fundamentaes sobre os direitos e deveres do cidadão, bem como conselhos e preceitos imprescindiveis á vida.

## Como voar em um aeroplano-escola

Pelos tenentes Fabio de Sá Earp  
(Da Escola de Av. Naval)  
e Aliatar Martins  
(Da E. de Av. Militar.)

(Continuação)

Uma aterrissagem má é causada pelo endireitamento do apparelo muito cedo ou muito tarde; no primeiro caso elle perde a velocidade e «cae chato», partindo o trem de aterrissagem e algumas vezes a fuzelagem; no segundo, elle ou capota directamente, ou faz uma série de pulos que terminam numa capotagem ou numa aza partida, si o piloto não reacellerar o motor e fizer uma nova tentativa mais cuidadosa.

Para ensinar a aterrissagem é sempre bom uzar longos vôos planados, porque elles dão tempo a que o alumno se prepare e não se surpreenda com a proximidade do solo; elle deve trazer o apparelo em vôo planado normal até dois metros do campo; ahi elle deve «matar» um pouco o vôo planado, puxando a alavanca ligeiramente. Quando a um metro do solo, elle deve accentuar mais a cabragem do apparelo, até que perdida a velocidade as rodas e a bequilha toquem o solo ao mesmo tempo. Uma aterrissagem perfeita deve ser sempre feita em tres pontos: rodas e bequilha; entrar de rodas, traz o risco da capotagem; entrar de cauda, traz a quebra da bequilha ou da fuzelagem.

A alavanca deve ser puxada aos poucos e ligeiramente; si ella fôr puxada rapidamente, o apparelo ainda tendo velocidade, o nariz subirá e perdida a velocidade o avião cahirá chato ou glissará sobre uma aza.

Quando aterrando o piloto deverá olhar sempre para a frente e nunca pelos lados da fuzelagem para o solo.

Discutamos agora a questão da decollagem e aterrissagem com vento de lado e a determinação da «deriva».

E' conveniente que o alumno seja acostumado a decollar e aterrissar com vento de qualquer direcção, pois isto ser-lhe-á muito util no caso de uma aterrissagem forçada. Muitas vezes quando o piloto pensa que vae aterrissar face ao vento, o apparelo está derivando.

Supponhamos que estamos decollando com um vento que sopra da esquerda com uma velocidade de 20 kms. por hora; si tentassemos tirar o apparelo de terra do mesmo modo que no caso do vento fronteiro, mantendo o avião horizontalizado, assim que elle fosse ganhando velocidade, começaria a derivar para a direita com a mesma velocidade do vento.

A deriva começando antes das rodas deixarem o solo, a aza direita abaixa-se e ha o risco de uma rajada levantando a aza esquerda, a aza direita tocar o solo e o avião capotar.

Para evitar isto, quando decollando com vento de lado, deve-se inclinar a aza do lado do vento, movendo a alavanca ligeiramente para este lado; no nosso caso, por exemplo, a alavanca deve ser movida ligeiramente para a esquerda, afim de abaixar a aza esquerda e impedir assim que a direita toque o solo.

A proporção que o apparelo ganha velocidade a inclinação dada á aza aumenta, e o piloto deve vigilar-a, para evitar que, por sua vez, ella toque o solo. Uma vez no ar, o piloto deve virar face ao vento; para isso elle deve conservar a mesma inclinação de azas e manter o nariz no horizonte por meio do leme de direcção.

Na decollagem com vento de lado todo apparelo tem uma tendência muito pronunciada para girar e pôr-se face ao vento; isto é devido não só á superficie lateral da fuzelagem e empenagem, como a acção de travamento exercida pelos aileron da aza opposta ao vento, que estão abaixados, devido a estar a alavanca inclinada para esse lado.

Uma aterrissagem com vento de lado é feita de modo semelhante; si o apparelo estiver derivando para a esquerda, o piloto tem a impressão de que a terra está se movendo para a direita; para corrigir a deriva elle deve inclinar o apparelo para o lado de onde sopra o vento, movendo a alavanca para esse lado e mantendo o avião na direcção desejada, por meio do leme. Quanto mais veloz fôr a deriva, tanto mais inclinada deve ser a aza. Às vezes é necessário dar um pouco de leme do lado oposto ao que sopra o vento, para impedir que o avião entre em curva.

O resultado da inclinação das azas é uma glissada para o lado do vento; a velocidade com que o avião glissa, contrabalançando a deriva, um aeroplano pode ser aterrado com vento de lado, tão precisamente como si o vento fosse de frente.

Para decollar com vento de cauda, o metodo é o mesmo empregado para o caso do vento de frente; apenas, deve haver cuidado em não cabrar muito o avião, porque o vento pode fazê-lo capotar.

A aterrissagem com vento de cauda é perigosa e deve ser evitada o mais possivel; convém que o piloto se lembre que elle tem que que addicionar á velocidade do avião, a velocidade do vento, o que não só aumenta a velocidade com que elle tocará o solo, como fará o aeroplano correr muito, mesmo depois das rodas terem entrado em terra.

Sempre que se aterra com vento de cauda, é conveniente conservar a cauda bem baixa, afim de evitar que o vento provoque uma capotagem.

Como regra geral, deve-se evitar, sempre que possível, a aterrissagem com vento de cauda;

ella é perigosa e quasi sempre pôde-se aterravar de lado, mesmo quando o campo é estreito e o vento é a elle paralelo, no sentido do comprimento.

### Capítulo 12

#### ATERRISSAGENS FORÇADAS

E' importante que o alumno pratique o mais possível a aterrissagem forçada; si em lugar de o fazer, elle contar com a sorte para livral-o das consequencias de uma falha do motor, quasi sempre a primeira experiencia custar-lhe-á bastante caro.

A pratica continua das aterrissagens forçadas, ou de campanha, é uma das melhores que pôde fazer um piloto militar; ella desenvolve o julgamento, golpe de vista, espirito de decisão, habilidade no vôo planado e nas glissadas sobre a aza, etc. Nada serve para dar confiança ao piloto, como a certeza que elle tem de que em caso de falha do motor, poderá aterravar em qualquer lugar, sem perigo para si e para o passageiro.

O melhor methodo para uma aterrissagem forçada é o seguinte:

I — Assim que o motor falhar, ponha-se o nariz para baixo, no angulo normal de vôo planado.

II — Marque-se um campo conveniente e «não se mude» mais; o primeiro escolhido deve ser aquelle em que se vai aterravar, salvo casos imprevistos, como aramados vistos á ultima hora, etc.

III — Procure-se determinar a direcção do vento.

IV — Perca-se altura, descendo em espiral até 300 metros.

V — Faça-se uma serie de curvas em S na direcção do campo, mantendo o apparelho sempre mais ou menos aproado ao vento e «nunca» dando as costas ao campo.

VI — Ponha-se o apparelho em vôo planado em linha recta, face ao vento.

VII — Faça-se uma glissada sobre a aza, caso tenha-se ainda muita altura, e procure-se aterravar.

Este é um methodo geral para a pratica das aterrissagens forçadas; o piloto deve se lembrar que é sempre preferivel conservar altura até o ultimo momento, a perder-a cêdo de mais; neste caso é impossivel alongar o vôo planado, ao passo que naquelle é sempre possivel perder o excesso de altura por meio de uma glissada.

Evite-se sempre terminar o vôo planado muito baixo sobre casas ou arvores que existam no lado mais proximo do campo; é sempre preferivel entrar de nariz nos obstaculos que houver no lado mais afastado a encontralos no vôo planado ao entrar no campo.

Sempre que fôr possivel deve-se escolher um campo gramado e de onde seja possivel descolar de novo, evite-se aterravar em um campo que tenha arvores no lado da approximação; si o campo fôr longo e estreito, é preferivel aterravar com vento de lado, si assim o piloto obtiver maior espaço para correr.

«Nunca se deve aterravar com vento de cauda»; mesmo uns cinco km. a mais fazem grande diferença quando se está aterrissando em um campo pequeno e desconhecido.

E' um grande erro descer em espiral a menos de 300 metros, especialmente quando sopra um vento forte; quem o faz arrisca-se a sahir

da espiral fazendo face a um lado não envolto á aterrissagem, quando fôr opportuno voltar no vôo planado final.

«Nunca se dê as costas ao campo quando fazendo os S». Supponhamos que o avião estiver planando paralelamente á orla do campo quando se quer aterravar, estando o terreno á esquerda do piloto; antes de ultrapassar o limite da distancia de onde é possivel planar até o campo, vire-se contra o vento; si se virar a favor dele, a deriva afastará o avião do campo, quando o piloto entrar em um novo ramo de S, estará fóra do limite de onde poderá planar.

Quando nos S é melhor fazer longos vôos planados entre as curvas; muitos pilotos abusam das curvas, com o resultado de perderem a marca e terem de aterravar fóra do campo.

A curva deve ser feita antes de se atingir o limite em que o vôo planado normal permitiria aterravar; quanto mais alto estiver o aeroporto, tanto mais longos devem ser os vôos planados entre as curvas.

Si acontecer que o vôo planado seja curto de mais, não se mantenha o nariz levantado com a intenção de alongal-o e transpor o obstaculo; é preferivel picar para aumentar a velocidade e saltar o obstaculo; é muito menos perigoso cahir chato do lado oposto, que tocar com as rodas e capotar.

#### GLISSADAS

Uma das mais uteis manobras para o piloto militar é a da glissada sobre a aza, com o fim de perder altura rapidamente. Quando de aza o avião perde altura sem ganhar terreno horizontalmente, o que permite a aterrissagem em terrenos apertados.

O methodo mais seguro e rapido para glissar sobre a aza é o seguinte:

Supponhamos que o aeroporto está planando face ao vento. Queremos glissar para a esquerda; ponha-se a alavanca para a esquerda; isto abaixa a aza esquerda e ao mesmo tempo provoca o movimento do nariz para a direita e para cima, devido á trava formada pelos «ailers» direitos que estão abaixados; o aeroporto começará a glissar; mas, si o leme direito não fôr applicado o aeroporto entrará em curva para a esquerda, o que deve ser impedido.

Resumindo temos: para glissar sobre a aza: «dê-se aileron sem tocar no leme de direcção»; isto inclina o apparelho e levanta o nariz; quando o avião começar a glissar, dê-se sufficiente leme do lado oposto ao da glissada para conservar o nariz levantado e impedir que o apparelho entre em curva.

Para voltar ao vôo planado normal: leve-se a alavanca para o lado oposto e para a frente afim de manter o nariz no angulo de vôo planado normal; mantenha-se a direcção por meio do leme.

Si o piloto tentar glissar com o nariz abaixado, o avião ganhará velocidade e terreno no sentido horizontal e o effeito almejado fica perdido.

Quanto mais alto o nariz fôr mantido, tanto mais rapida e efficaz será a glissada.

Sempre que se sahe de uma glissada deve-se levar a alavanca para a frente, afim de evitar que o avião faça um «stall».

(Continua)